

O Projeto Geopolítico Norte- Americano Análise da 1ª Fase (1776-1912)

José Francisco Peixoto Vilhena Cabral Barreto

Orientador: Prof.ª Doutora Andrea Sofia da Cruz Valente

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Estratégia

Lisboa
2019

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

O Projeto Geopolítico Norte-Americano

Análise da 1ª Fase (1776-1912)

José Francisco Peixoto Vilhena Cabral Barreto

Orientador: Prof.ª Doutora Andrea Sofia da Cruz Valente

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Estratégia

Júri:

Presidente:

Doutora Sandra Maria Rodrigues Balão, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

Doutor Álvaro Luís Correia de Nóbrega, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Doutora Andrea Sofia da Cruz Valente, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de orientadora.

Lisboa
2019

RESUMO

A Estratégia ocupa um papel cada vez mais significativo no seio das organizações. A sua relevância deve-se ao facto de que num mundo globalizado, e em constante competição, o delineamento de objetivos precisos, o reconhecimento do ambiente, e o planeamento minucioso tornam-se exercícios quase fundamentais na procura do sucesso. Mas se por um lado sabemos que a Estratégia é uma ciência da era moderna, pensada de acordo com o mundo atual, designadamente pela sua conceção empresarial, também facilmente reconhecemos que ela pode ser aplicada a outras eras, e às mais diversas realidades.

Este estudo dedica-se a apresentar a teoria da estratégia aplicada a um contexto histórico específico, onde o objetivo se apresenta num formato geográfico de relevância geopolítica. Parte do argumento de que os Estados Unidos constitui uma das maiores potências da nossa era, sendo que este estatuto é fruto de um processo estratégico que se iniciou após a sua fundação e que passou por três grandes fases até apresentar os resultados atuais: uma fase que dedicou à construção do território; uma segunda relativa à projeção dos objetivos geopolíticos a nível continental; e uma terceira que projeta os interesses dos americanos para todo o mundo.

A presente dissertação trata de analisar a primeira fase deste projeto, e do respetivo processo de construção territorial. De uma faixa litoral encostada ao Atlântico, foi possível chegar à costa oposta do Pacífico absorvendo o território interior, em várias etapas, e posteriormente formalizando a sua divisão administrativa, num projeto com uma longevidade de pouco mais de cem anos. Aqui faremos o levantamento de todos os elementos essenciais à prossecução desses objetivos, compreendendo o papel que esta fase tem no desenvolvimento do projeto geopolítico global e, consequentemente, o contributo para o atual estatuto dos EUA na política internacional.

Demonstra-se que desde o início que existia um desejo expansivo, e uma iniciativa de progredir para oeste. A intenção de conquistar todo o território até ao Pacífico revelou-se irrefutável a partir do momento que os americanos se mostraram a maior potência regional. Tratou-se de uma expansão estrategicamente projetada e planeada, embora dependente de conjunturas benéficas. Conclui-se que esta fase desempenhou um grande papel no grande projeto geopolítico norte-americano, dado que estabeleceu as bases das fases seguintes, garantindo o poder nas diversas formas para evoluir nos objetivos, e no alcance geográfico dos mesmos.

Palavras-Chave: EUA; Fase Geopolítica; Estratégia; Fase Geopolítica; Construção Territorial

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA	10
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	12
I. ESTRATÉGIA PARA UMA INDEPENDÊNCIA	20
1. Meios.....	22
2. Meio	24
3. Tempo	25
4. Contrário	26
a) Plano.....	28
b) Manobra	28
c) Modelo Comportamental.....	31
d) Posição	31
e) Perspetiva	32
II. DE COSTA A COSTA	34
A. Louisiana	39
B. Oregon e Florida.....	40
C. Do Texas à Califórnia	41
D. Administração Interna	42
1. Meios.....	43
2. Meio	46
3. Tempo	48
4. Contrário	49
a) Plano.....	52
b) Manobra	52
c) Modelo Comportamental.....	55
d) Posição	55
e) Perspetiva	56
III. UM RETROCESSO INESPERADO	57
1. Meios.....	61
2. Meio	63
3. Tempo	64
4. Contrário	65

a) Plano.....	67
b) Manobra	69
c) Modelo Comportamental.....	69
d) Posição	70
e) Perspetiva	71
IV. RECONSTRUÇÃO E PROGRESSO	73
1. Meios.....	75
2. Meio	77
3. Tempo	78
4. Contrário	79
a) Plano.....	79
b) Manobra	80
c) Modelo Comportamental.....	80
d) Posição	80
e) Perspetiva	81
CONCLUSÕES.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	87

Índice de Figuras

<i>Figura 1: Alcance Geopolítico da 1ª Fase</i>	7
<i>Figura 2: Alcance Geopolítico da 2ª Fase</i>	7
<i>Figura 3: As Três Fases Geopolíticas</i>	8
<i>Figura 4: Descrição Básica da Investigação</i>	11
<i>Figura 5: Interligação das Componentes da Estratégia</i>	13
<i>Figura 6: Complementaridade Disciplinar</i>	16
<i>Figura 7: Situação Geral e Específica das Posturas Administrativas Durante a Primeira Fase</i>	18
<i>Figura 8: Quadro da Fundação das Treze Colónias</i>	20
<i>Figura 9: Mapa da Organização Política da América do Norte</i>	21
<i>Figura 10: Cadeia de Comando Político-Militar</i>	23
<i>Figura 11: Quadro dos Principais Cenários de Confrontação</i>	25
<i>Figura 12: Quadro dos Comandantes das Forças Britânicas ao longo da Guerra</i>	27
<i>Figura 13: Mapa da Batalha de Saratoga, Setembro de 1777</i>	30
<i>Figura 14: O Território Americano Reconhecido pelo Tratado de Paris 1783</i>	34
<i>Figura 15: A compra do Louisiana</i>	39
<i>Figura 16: A Região do Oregon é Incorporada e a Fronteira Estabelecida no Paralelo 49</i>	40
<i>Figura 17: A Florida foi Transferida para Território Norte-Americano em duas Tranches</i>	40
<i>Figura 18: Anexação do Território do Texas</i>	41
<i>Figura 19: A Concessão dos Restantes Territórios do Texas à Califórnia</i>	41
<i>Figura 20: Quadro dos Novos Estados e Ano de Admissão na União</i>	42
<i>Figura 21: Disposição do Território nas Vésperas da Guerra Civil</i>	42
<i>Figura 22: Hierarquia político-militar da República do Texas</i>	45
<i>Figura 23: Quadro do Crescimento Populacional dos EUA entre 1790-1850</i>	45
<i>Figura 24: A Distribuição das Tribos pelo Território</i>	52
<i>Figura 25: Quadro da Distribuição da População Nacional em Regiões 1850</i>	55
<i>Figura 26: Louisiana, A Chave da Expansão</i>	56
<i>Figura 27: O Compromisso do Missouri, 1820</i>	58
<i>Figura 28: Os Estados Unidos no início da Guerra Civil Americana, 1861</i>	60
<i>Figura 29: A Divisão dos Estados Norte-Americanos</i>	60
<i>Figura 30: Quadro dos Meios Económicos da União</i>	62
<i>Figura 31: Gráfico sobre a Ocupação dos Civis</i>	62
<i>Figura 32: O Governo da União</i>	63
<i>Figura 33: Quadro das Principais Batalhas e Locais</i>	64
<i>Figura 34: The Flag of Dixie</i>	66
<i>Figura 35: Quadro sobre Os Meios da Confederação</i>	67
<i>Figura 36: Gráfico sobre a Ocupação dos Civis</i>	67
<i>Figura 37: Gen. Winfield Scott's Great Snake, por J. B. Elliott (1861)</i>	68
<i>Figura 38: Quadro Sobre O Crescimento Populacional Pós-Guerra Civil</i>	76
<i>Figura 39: Quadro das Principais Cidades Americanas na "Época Dourada"</i>	76
<i>Figura 40: A admissão do Nebraska</i>	77
<i>Figura 41: Quadro dos Novos Estado Admitidos Pós-Guerra Civil</i>	77
<i>Figura 42: A Admissão do Arizona</i>	78
<i>Figura 43: Trails West, 1840-1850 (Pré-Guerra Civil)</i>	81

INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América é indiscutivelmente uma das maiores potências da nossa era, senão mesmo a maior superpotência da História. Hoje, reconhecemos o seu valor numa posição de hegemonia, e em grande parte de patriarca do mundo ocidental. Um estatuto que terá sido construído e solidificado ao longo dos anos, onde em relativamente pouco tempo foi possível ultrapassar potências mais desenvolvidas, e com uma maturidade ideológica muito mais avançada.

Não podemos falar de um percurso irrepreensível e sem retrocessos. Na verdade, não nos devemos esquecer das dificuldades que o processo de construção da identidade americana enfrentou a nível político, social e económico. Destaca-se a falta de assertividade em questões como: a integração e relevância do poder federal; no alcance e justiça da constituição; nas normas e nos bons costumes morais e religiosos; e naquele que viria a ser o grande dilema da sociedade americana, a problemática da escravatura. Questões como estas, marcariam o pós-independência, atrasariam o progresso da construção, prolongando as discussões e acentuando as diferenças regionais que permaneceriam visíveis, sobretudo entre Norte e Sul.

Em termos territoriais, verificou-se o oposto. Ao contrário dos outros ramos, a vertente geográfica foi expressiva. Das Treze Colónias originais que ocupavam a faixa costeira a este do continente, os norte-americanos conseguiram alcançar e unificar território até à costa do Pacífico, potenciando assim uns vantajosos oito milhões de quilómetros quadrados. Aproveitando as disputas coloniais e a inferioridade tecnológica dos indígenas, foram capazes de afirmar-se, de forma que em 1912, todo o território continental com exceção ao Alaska, estaria devidamente integrado na federação, e formalmente dividido administrativamente (Shearer, 2004). Ao longo da história, nota-se uma tendência dos americanos para se imporem no espaço de uma forma natural e assertiva, explorando as eventuais vantagens geopolíticas, e criando as bases para o relançamento da campanha. Com o processo de construção territorial já numa fase avançada, a ambição dos americanos foi mais longe, e as expectativas para a América do Norte deram lugar a pretensões extracontinentais.

Na minha perspetiva, esta sucessão de acontecimentos, pode ser analisada em três fases distintas, diferenciadas entre si no alcance geográfico e geopolítico dos objetivos. A primeira diz respeito à construção territorial dos EUA, onde os objetivos atingem o alcance geográfico a englobar a América do Norte. Apelidei esta fase de Construção Territorial do Estado e situei-a no período entre 1776 e 1912.



Figura 1: Alcance Geopolítico da 1ª Fase

Fonte do Planisfério 1: Gonçalves, J. A., 2013, *Planisfério*, Escala N.I., [map]. Geodocências. Available at: <http://geodocencias.blogspot.com/2013/04/planisferio.html>. [Acedido em 18 setembro 2019].

A segunda, acontece quase em simultâneo com a primeira, no período entre 1822 e 1917, tendo como nome Proteção Continental. Esta fase projeta as ambições dos norte-americanos a toda a longitude, quando o presidente James Monroe achou estarem reunidas as condições para os americanos se afirmarem como potência na América Central e do Sul.



Figura 2: Alcance Geopolítico da 2ª Fase

Fonte do Planisfério 2: Gonçalves, J. A., 2013, *Planisfério*, Escala N.I., [map]. Geodocências. Available at: <http://geodocencias.blogspot.com/2013/04/planisferio.html>. [Acedido em 22 setembro 2018].

Em 1917, os EUA responderam às provocações dos alemães no mar, e entraram assim na Primeira Guerra Mundial. Este facto mudou o paradigma da política internacional, e o isolacionismo relativo ao seu lado do Atlântico, deu lugar a um intervencionismo de alcance mundial, que salvo a restrição temporária imposta por algumas administrações, se mantém como sendo um dos princípios fundamentais da sua política externa, como explica Catarina Mendes Leal (2013, p. 21):

No início, a sua política isolacionista praticada em relação à Europa visava a salvaguarda dos seus princípios. Apenas interviriam «para tornar o mundo mais seguro» (Wilson). O intervencionismo visava a salvaguarda e a exportação dos seus valores – quando os EUA intervêm é para vencer.

A esta fase dei o nome de Supremacia Global, por perspetivar os interesses geopolíticos dos EUA na totalidade. À partida é a fase que ainda se manterá ativa.

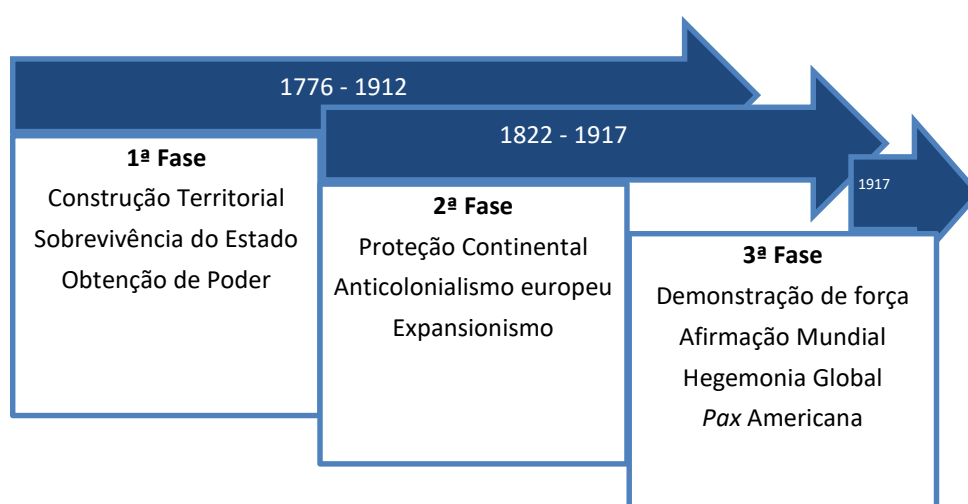


Figura 3: As Três Fases Geopolíticas

Mas colocamos a questão, terá sido tudo isto planeado? Houve de facto uma projeção estratégica desde o início para atingir este estatuto? Ou antes, terá sido uma série de eventos fortuitos que conduziram os Estados Unidos a serem a potência que são hoje? Na leitura que faço da história americana, respondo preventivamente que houve desde cedo essa intenção. Ainda assim, convém fazer a distinção entre os eventos que foram realmente projetados e planeados, daqueles que se revelaram ocasionais e fortuitos. E ao selecionar a primeira fase para análise nesta Dissertação irei mostrar a forma e o conteúdo estratégico de um dos capítulos

desse projeto, evidenciando o papel dessa fase no desenvolvimento do projeto geopolítico, assim como a capacidade de visão futurista e o seu alcance.

Parto da ideia que para atingir este nível, terá sido necessário executar uma estratégia parcelada de carácter geopolítico, com os elementos a jogar a favor do objetivo geográfico; uma estratégia dividida em três partes, de acordo com as fases propostas. A escolha da primeira fase revela-se pertinente pelo facto de representar a edificação das bases de toda a campanha, mas também por demonstrar ser um período de extrema relevância para a história do mundo, em particular para o entendimento da decadência dos impérios coloniais, e da transferência do centro de poder no mundo ocidental. De acordo com a tese de Frederick Jackson Turner (2018, p. 17), *“O verdadeiro ponto de vista na história desta nação não é a costa atlântica, é o Grande Oeste”*.

Na minha perspetiva, existem quatro momentos chave que incorporam a primeira fase. São elas a Guerra da Independência (1776-1783); a conquista e expansão para oeste (1783-1861); a Guerra Civil (1861-1865); e o período da reconstrução no pós-guerra (1865-1912). A cada um destes momentos correspondem também aquilo que considero as estratégias conjunturais, associadas aos avanços e recuos geográficos que aconteceram durante esses períodos. Pequenas estratégias aplicadas aos momentos descritos, calculadas para curtos espaços de tempo e objetivos menores. Fazer uma apreciação dessas estratégias; coligar a história norte-americana ao estudo da estratégia e da geopolítica; e responder se de facto existiu um projeto de construção territorial devidamente planeado; são os objetivos gerais e específicos desta Dissertação. De uma forma sintética, esta Dissertação destina-se a demonstrar de que forma os americanos construíram o seu território, que métodos utilizaram, a que meios recorreram; e de que maneira este processo contribuiu para o seu estatuto atual na política internacional.

- I. **1ª Fase:** Construção Territorial do Estado (1776-1912)
 - a) Estratégia para uma Independência (1776-1783)
 - b) De Costa a Costa (1783-1861)
 - c) Um Retrocesso Inesperado (1861-1865)
 - d) Reconstrução e Progresso (1865-1912)
- II. **2ª Fase:** Proteção Continental (1822-1917)
- III. **3ª Fase:** Supremacia Global (1917-)

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, a primeira questão a abordar será a dicotomia entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Qual a forma de recolha mais adequada, e qual o tipo de informação mais pertinente? David Silverman (2005, p. 25) sugere:

For instance, if you want to discover how people intend to vote, then a quantitative method, like a social survey, may be the most appropriate choice. On the other hand, if you are concerned with exploring people's life history or everyday behaviour, then qualitative methods may be favoured.

Pegando nesta ideia, e naquilo que à partida será o percurso da investigação, eu diria que a pesquisa qualitativa é a tipologia mais adequada para este tipo de trabalho. Mais do que levantar dados numéricos e estatísticos que podem ser úteis, passará sobretudo por avaliar factos e comportamentos.

No campo das ciências sociais existem uma série de métodos predefinidos para auxiliar à construção de investigações científicas. Um deles é o método histórico, que retira aspetos de eventos passados como fonte, para a argumentação de diversos pontos dentro de outros temas. Este método parece-me essencial na lógica em que esta é uma dissertação com incidência num determinado período e subtema da História. Chamo a atenção pois não devemos confundir História disciplina, da história enquanto método; e aqui encontramos dos dois casos, com a História a funcionar como disciplina independente, mas também como fundamento do estudo da estratégia e da geopolítica. Como descrito no manual de ciência política de António de Sousa Lara (2013, p. 68):

Interessa, assim, identificar, em primeiro lugar, a metodologia da História, que constitui instrumento de análise e de síntese para as Ciências Políticas, e, em segundo, referenciar neste âmbito as componentes marcadamente ideológicas que com tal instrumento anda usualmente envolvido e que manifestamente deve ser distinguido segundo a posição que adoptamos.

Outro ponto da metodologia a abordar, diz respeito ao modelo de análise. Num artigo de Kevin A. Clark e David M. Primo (2007, p. 741) sobre a construção de modelos de análise, estes revelam que, *“the emphasis is on using models to generate testable predictions that serve as hypotheses for subsequent data analysis, which in turn is interpreted as a test of model”*. Na mesma circunstância, os autores (Clarke & Primo, 2007) descrevem ainda vários tipos de modelos, onde destacam o *Foundational; Structural; Generative; Explicative; Predictive*.

Podemos aproximar alguns destes modelos à forma como estamos a observar a história dos EUA, e ao seu faseamento geopolítico. Neste caso diria que seria o estrutural, onde o objetivo passa por organizar generalizações empíricas ou factos conhecidos. O modelo de análise reflete também a descrição da investigação. Como processo, dita que sejam analisados os documentos e a informação disponível relativa a esse período, retirando posteriormente a informação que encaixa nos elementos estratégicos, assim compondo as estratégias conjunturais.

- Tipo de Pesquisa: **Qualitativa**;
- Métodos das Ciências Sociais: **Método Histórico**;
- Conceptualização do Modelo de Análise: **Estrutural**;



Figura 4: Descrição Básica da Investigação

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico desta dissertação resulta da complementaridade disciplinar, onde a Estratégia ocupa um papel central por ser o campo de investigação. No que sabemos a Estratégia já terá sido aplicada a diversas áreas, nos mais variados contextos, contudo as noções teóricas primárias refletem ensinamentos abrangentes. Henry Mintzberg (2008, p. 11) afirma que a Estratégia é ao mesmo tempo:

- a) um **plano**: *“some sort of consciously intended course of action, a guideline (or set of guidelines) to deal with a situation”* (p. 11);
- b) uma **manobra**: *“(…) can be a ploy, too, really a specific “maneuver” intended to outwit an opponent or competitor”* (p. 11);
- c) um **comportamento**: *“specifically, a pattern in a stream of actions. By this definition, strategy is consistency in behaviour, whether or not intended”* (p. 11);
- d) uma **posição**: *“specifically, a means of locating an organization in its “environment”* (p. 11);
- e) uma **perspetiva**: *“perspective looks inside the organization, indeed inside the heads of the strategists. Here, strategy becomes the ingrained way of perceiving the world”* (p. 11).

O discurso de Mintzberg é normalmente dirigido ao campo da gestão empresarial, mas podemos reconhecer facilmente estas características como sendo parte nuclear da definição de Estratégia. Para nos facilitar a lição, António Silva Ribeiro apresenta uma compilação de noções de Estratégia que conduzem a uma conceptualização mais aproximada do meio político. Segundo o autor (Ribeiro, 2010, p. 22), Estratégia será:

(...) a ciência e a arte de edificar, dispor e empregar meios de coacção num dado meio e tempo, para se materializarem objetivos fixados pela política, superando problemas e explorando eventualidades em ambiente de desacordo.

Fazendo um levantamento de cada um destes elementos percebemos que na execução de política externa um Estado deverá ponderar, um plano, uma manobra, um tipo de comportamento, uma perspetiva e uma posição, executando a aplicação dos meios num meio, perante um contrário, em função de um objetivo. Nesta situação, equacionados à luz da teorização geopolítica.

1. **Meios:** “(...) esta componente conceptual evidencia que a estratégia conceptualiza e avalia os recursos próprios e contrários, como meios para apoiar as respectivas políticas” (Ribeiro, 2010, p. 35);
2. **Meio:** “(...) a componente conceptual em análise torna evidente que a estratégia é um processo que leva em conta as interações de um contexto com elementos como a geografia, a história, a natureza do regime político, a economia e a tecnologia, entre outros” (p. 36);
3. **Tempo:** dividido em três subcategorias, como descrito pelo autor (Ribeiro, 2010, p. 37):
 - **Momento:** “(...) traduz o quadro global da realidade política, económica, psicossocial e militar”;
 - **Duração:** “(...) define o período de tempo” (p. 37);
 - **Ritmo:** “(...) caracteriza a variação de intensidade e de velocidade” (p. 37);
4. **Contrário:** “Estas entidades são, pois, os actores contrários, dotados de vontade e de capacidade, que dispõem de estruturas de comando habilitadas a tomar iniciativas e a reagir às acções realizadas, de forma a negar reciprocamente a materialização de objectivos nacionais divergentes” (p. 45).

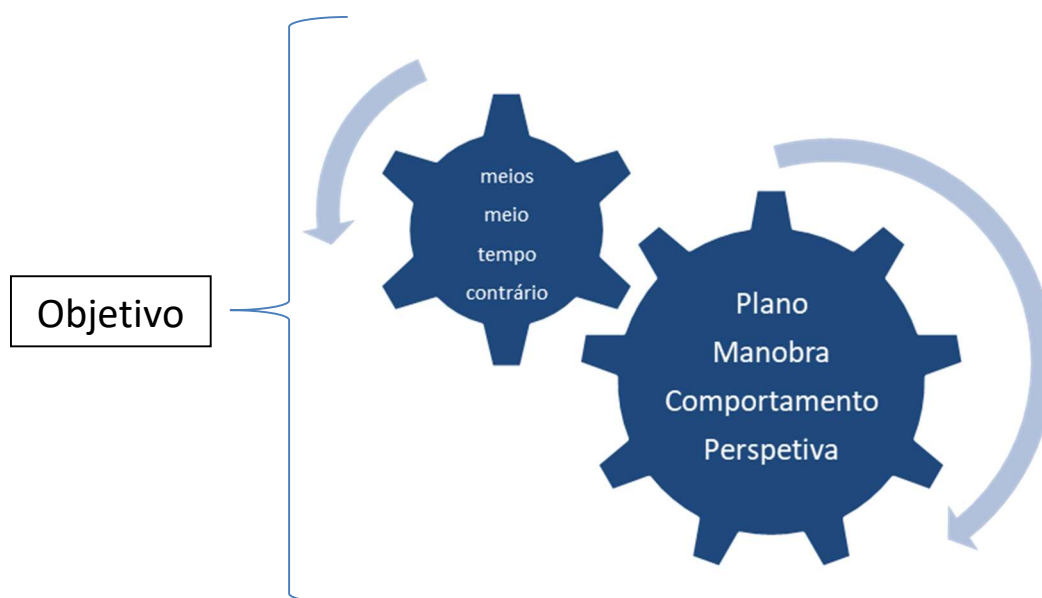


Figura 5: Interligação das Componentes da Estratégia

Quando olhamos para estes elementos, devemos ter em consideração que eles são irregulares, contextuais, podendo alterar-se consoante o panorama interno e externo. Este

exercício de reformulação e adaptação dos elementos, é resultado da evolução do pensamento estratégico das últimas décadas, como vemos em David Faulkner e Andrew Campbell (2009, p. 6):

During the early crystallization of the strategic management field of study, the only approach to the creation of strategy was the rational approach. This was generally embodied in a sequential process of strategy formulation which involved setting objectives, analysing the external environment, identifying the company's strengths and weaknesses and those of its competitors, generating a number of possible strategies, selecting the best one, and proceeding to implement it. This process was associated in the early days of Strategic Management with the names of Learned, Christensen, Andrews, and Guth (1965), and with Ansoff (1965), all significant figures in the US business school world dating back to the 1960s and 1970s.

Os autores (Faulkner & Campbell, 2009) parecem reconhecer que esta chamada *rational approach* acabou por sucumbir nas décadas seguintes, devido à falta de flexibilidade. Desta forma, a estratégia deveria ser equacionada com uma margem de reformulação, flutuando e emergindo consoante as condições e a imprevisibilidade do ambiente externo (Faulkner & Campbell, 2009, p. 7):

Mintzberg proposed the replacement of the rational well thought out approach to strategy formulation with the more pragmatic, trial and error process of emergent strategy, and so stimulated writers to focus on the actual strategic process rather than merely the content of strategy, assuming a rational process as was the traditional case.

Ainda assim, o exercício de análise pré-estratégico é fundamental, oferecendo uma possibilidade de reduzir o impacto negativo dos imprevistos, e melhorar a performance da nossa ação. Martin Kunc (2019) afirma que numa área competitiva, o excesso de informação revela-se uma ferramenta útil para prever comportamentos, descrevendo três tipos de análise para esse efeito, com base em Davenport (2013 cit. in Kunc 2019, p.4):

- *Descriptive Analytics*: “It employs traditional statistical skills to present data collected from internal organizational activities and external data. It is utilized to understand what happened during their past business activities in order to disclose whether the current business objectives have been obtained” (p. 4);
- *Predictive Analytics*: “It involves statistical and mathematic techniques to predict future unknown events or behaviors based on historical data to support operations” (pp. 4-5);

- *Prescriptive Analytics: “It uses optimization and/or simulation to identify the best alternatives to improve performance” (p. 5).*

Ainda relativamente a este campo, Kunc (2019) fala das atividades e dos passos da gestão de análise recorrendo a Mayer et al. (2004 cit. in Kunc 2019, p. 10). Nomeia:

- Research and Analyze: “Management science can generate knowledge in a specific domain, and specific issues, to develop deeper understanding of the impact of issues on the performance of organizations or society” (p. 10);*
- Design and Recommend: “This activity focuses on translating available knowledge into new strategies by making recommendations or designing the strategies” (p. 10);*
- Provide strategic advice: “Its role is to provide advice to a client on a strategy for achieving certain goals given a certain context” (p. 10);*
- Clarify arguments and values: “In this role, management science practitioners analyze the values and argumentation systems that underpin the organizational debate. Given this purpose, analysts seek to improve the quality of the discussion detecting biases or limitations in the arguments” (p. 10);*
- Democratize: “Analysis activities can have normative and ethical objectives related to the stakeholders. Powerful interests can be involved affecting the discussion so management science analysts can support views and opinions overlooked due to the lack of power” (p. 10);*
- Mediate: “In this role, management science designs the rules and procedures for the strategic making process and manages the interactions and progress of the process, especially facilitating meetings with different stakeholders and strategic decision makers” (p. 10).*

Este acaba por ser um processo pré-estratégico, que fornece as informações que mais tarde darão auxílio ao desenho da estratégia final. Naturalmente aqui, tendo em conta o objeto e o período em estudo, não podemos falar em métodos matemáticos ou tecnológicos de análise, contudo ficamos com a noção da existência dos conceitos, e até da possibilidade de aplicação de alguns deles por meios mais rudimentares. Nesta circunstância aparece a Geopolítica como sendo uma disciplina de estreita relação com a Estratégia. A abordagem da relação entre Geopolítica e Estratégia não é uma novidade, uma vez que outros autores já exploraram essa

correlação. Geoffrey Sloan e Colin S. Gray (2013, p. 2) apontam para uma verdadeira dependência da Geopolítica em função da Estratégia:

The extent to which geographical opportunities will be exploited depends on strategy. That is a concern with the deployment and use of armed forces to attain particular political objectives.

Political objectives are a consequence of choices made by policymakers. It is from these choices that political and strategic importance is attached to geographical configurations and locations. It also reflects the nature of politics as a decision-making process. In this process the geographical factors which influence politics are a product of policy-makers selecting particular objectives and attempting to realise them by the conscious formulation of strategies.

Mas então questionamos qual vem primeiro? Qual é mais importante? Quem fornece as informações a quem? Com base no que vimos até agora, tendo em conta o assunto, tudo aponta para que as duas disciplinas funcionem numa base de reciprocidade e exercício conjunto. Como vimos em Sloan e Gray (2013), um objetivo geográfico está dependente de uma estratégia definida que a alcance; mas por outro lado, como vimos em Mintzberg (2008) e Kunc (2019), não podemos delinear uma estratégia sem ter as informações prévias que delimitem a ocorrência de erro e reajuste, que neste caso, caberá à própria análise geopolítica identificar. Como tal, da leitura que faço, proponho a seguinte complementaridade disciplinar:



Figura 6: Complementaridade Disciplinar

É difícil apontar o início e o fim do círculo, sendo que a minha dedução aponta que para cada realidade geográfica, surge um ideal, uma teoria, ou um novo objetivo geopolítico; ao qual tem de suceder uma estratégia, ou uma metodologia para o alcançar; a política externa representa a ação prática do planeamento; e a História acaba por ser o produto, e o resultado dessa ação. O círculo completa-se quando nova conceção geopolítica é fruto da avaliação dos resultados históricos e das suas consequências. E objetivamente, qual é a importância da Geopolítica para os Estados? E que tipo de objetivos geográficos é que é possível ambicionar? Sloan e Gray (2013, p. 2) afirmam que:

One of the aims of geopolitics is to emphasise that political predominance is a question not just of having power in the sense of human or material resources, but also of the geographical context within which that power is exercised.

Outros autores completam esta ideia. Diz João Pereira Neto (1965 cit. in Almeida 2012, p. 113) que é:

Crença muito antiga de que a geografia é um importante factor no domínio das relações internacionais... Há, portanto, segundo parece, uma certa simbiose entre a política dos Estados e a geografia dos espaços ocupados por esses mesmos Estados.

Concluimos então que a geopolítica desempenha um papel fundamental, não só no crescimento e afirmação, como na própria sobrevivência do Estado. Em Políbio Valente de Almeida (2012, p. 112) podemos ver que:

De forma genérica, pode dizer-se que a geografia gera poder: em princípio, um Estado com maior extensão, mais e melhores recursos, melhor localização, tem mais poder que um outro Estado que não possua esses atributos ou que os tenha em menor grau.

Um pensamento que vai de acordo à teoria proposta e desenvolvida por Friederich Ratzel. Diz a tese de Ratzel que um Estado é dotado de *RaumLage* (características de espaço e de posição), e de *Raumsin* (relação do povo com o espaço), sendo que cada povo necessitaria de um espaço em conformidade com o seu tamanho e capacidade, o *Lebensraum* (Almeida, 2012). O mesmo Ratzel, escreveu também aquilo que considera as *Leis de Crescimento Territorial do Estado* (s.d. cit. in Almeida 2012, p. 133), que se descrevem por:

Na primeira, afirma que o espaço é um factor primordial na grandeza dos Estados; na segunda, que um largo espaço assegura a vida nos Estados por ser uma força e não um mero veículo de forças políticas; na terceira, que um grande território incita à expansão e ao crescimento do seu povo e actua como força que imprime nova vida ao sentimento de nacionalidade; e, na quarta, que em todos os tempos só foi poder mundial o que se fez representar em vastos espaços e, especialmente, pela sua força, em todos os pontos e momentos críticos.

Historicamente, acredito que foi esta a razão que levou os Estados Unidos a expandirem-se, e a direcionarem os seus recursos para a obtenção de território. Primeiro pela necessidade de espaço para crescer; e em segundo pela realização de que um grande Estado só se pode manifestar através de um grande território. Já a perceção desta expansão em fases geopolíticas acaba por ser a minha interpretação dos acontecimentos, num formato inovador com aplicação a uma matéria específica, no entanto reconheço a existência de noções aproximadas a esta abordagem. Por exemplo, António de Sousa Lara (2011, p. 85) fala em “ciclos de política externa” baseando-se na posição administrativa quanto à postura intervencionista ou isolacionista:

A política externa em sentido amplo, da Federação tem oscilado, sistematicamente, de há dois séculos para cá, entre a vocação isolacionista, suspeitosa do benefício e da bondade de intervenções extra-continetais e consolidada pelo complexo de superioridade crescentemente fundamentável, ao qual já foi atribuído o sugestivo ápodo de síndrome do “Paraíso Perdido”, e a tendência para a liderança, regional e global, envolvida pelo reconhecimento de supremacia geral de capacidades e de recursos que aos Estados Unidos acertadamente é prestado. Daí que se possa, com alguma simplificação, mas com inegável utilidade académica, falar de ciclos na política externa norte-americana, pela predominância mais evidente de uma ou de outra tendência na definição das relações exteriores em que este país está envolvido, numa posição qualificada.

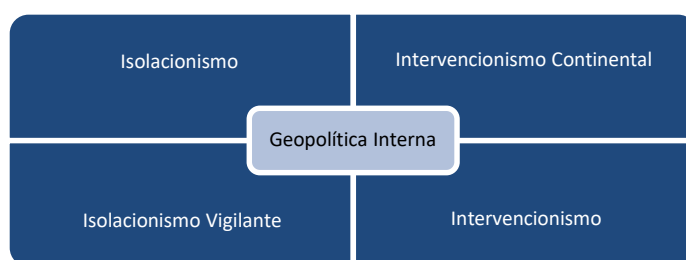


Figura 7: Situação Geral e Específica das Posturas Administrativas Durante a Primeira Fase

Em vez de observar a política externa em termos da postura política da administração correspondente, este estudo observa a política externa em ciclos da sua aplicação geográfica, diferenciadas pelo alcance da intervenção. Verificam-se três momentos significativos que

definem o início de uma nova fase, mostrando assim uma mudança de paradigma e uma nova conceptualização geopolítica. Em termos de representação gráfica, esta abordagem ao assunto pode ser ilustrada pelo esquema da Fig. 6, e pelo seu completar de ciclo em três ocasiões diferentes.

I. ESTRATÉGIA PARA UMA INDEPENDÊNCIA

Em agosto de 1775 o governo britânico não teve outra hipótese senão confirmar o estado de revolta nas colónias americanas. O endividamento consequente da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), e a fragilidade financeira da metrópole, originaram uma política colonial de recuperação financeira, que levou a uma rutura de relações entre súbditos e coroa¹. O apelo às armas foi feito no primeiro Congresso Continental em Philadelphia em setembro de 1774, o que resultou na criação de milícias armadas, os *Minutemen* (Imagine Publishing Ltd, 2015). Uma estratégia que começou por pequenas operações subversivas de carácter clandestino classificados como atos de sabotagem e vandalismo², ganhava agora forma e emergia com líderes políticos e organização paramilitar. Toda esta sucessão de acontecimentos originou um mandado de detenção aos líderes da revolução em abril de 1775. Na tentativa de execução da ordem, os homens do general Thomas Gage, foram surpreendidos e intercetados pelas milícias em Lexington e Concord. A guerra tinha começado.

Colónia	Data aproximada de Fundação
Virginia	1607
New York	1614
Massachusetts	1620
New Hampshire	1623
Connecticut	1634
Maryland	1634
Rhode Island	1636
Delaware	1638
North Carolina	1660
South Carolina	1670
Pennsylvania	1682
Georgia	1733

Figura 8: Quadro da Fundação das Treze Colónias

Fonte: Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.

¹ Além da proibição de expansão territorial, o parlamento britânico aprovou uma série de medidas que conquistariam a impopularidade e incitariam a desordem: *The Intolerable Acts*; *Coercive Acts* (Imagine Publishing Ltd, 2015).

² Incluindo o incêndio na chalupa da marinha real *Gaspee*, e o assalto ao *Eleanor* no famoso ato que ficou conhecido como *Boston Tea Party* (Imagine Publishing Ltd, 2015).

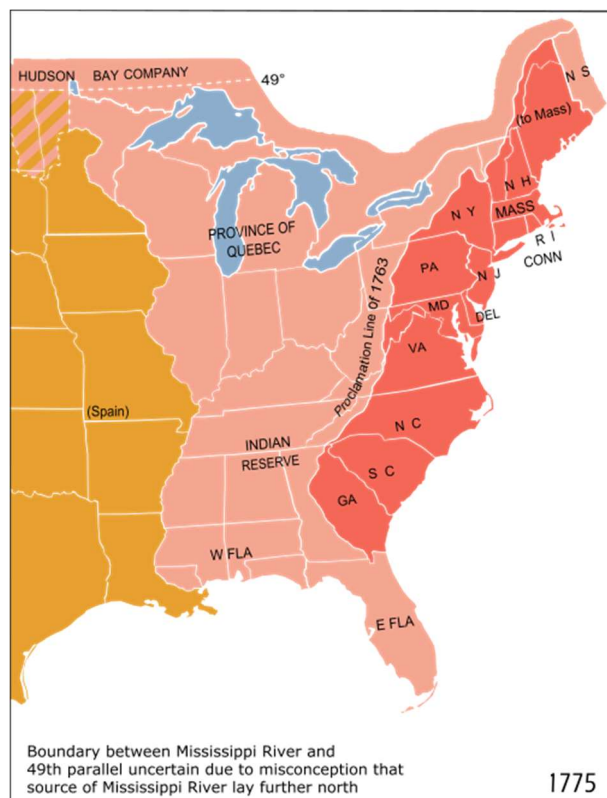


Figura 9: Mapa da Organização Política da América do Norte³

Fonte: National Atlas of the United States, 2009, *The thirteen colonies (shown in red) in 1775*, Escala N.I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Thirteen_Colonies. [Acedido em 08 julho 2018].

As colónias britânicas ocupavam a faixa leste da América do Norte, no espaço entre a Nova Scotia e o norte da Florida. Os revoltosos reivindicavam a descolonização desse território e a emancipação da sua população, tendo-se aliado com esse propósito. É difícil avançar os dados demográficos concretos, tendo em conta que o primeiro censo, terá sido realizado na década posterior. Contudo alguns autores indicam números prováveis, como por exemplo Luis Almeida Martins (2016, p. 53) que fala em 2,8 milhões de colonos (incluindo 500 mil escravos), embora admita que se trata de dados, “*Aproximados, controversos e meramente sugestivos*”.

No princípio de julho de 1776, por ocasião do segundo Congresso Continental, deu-se início à discussão sobre a proclamação da independência. Após debatidos os termos da proclamação, coube a Thomas Jefferson a redação da declaração. O documento foi assinado mais cinquenta representantes, e ratificado no dia 4. A independência proclamada

³ A maioria dos mapas são retirados do site Wikipedia, pelo facto de serem aqueles que apresentam a melhor definição e pormenor.

unilateralmente, não foi oficialmente reconhecida na comunidade internacional, contudo configurou um novo estatuto político para as colónias do ponto-de-vista interno.

In Congress, July 4, 1776

The Unanimous Declaration of the Thirteen United States of America

When in the Course of human events, it becomes necessary for one people to dissolve the political bands which have connected them with another, and to assume among the powers of the earth, the separate and equal station to which the Laws of Nature and of Nature's God entitle them, a decent respect to the opinions of mankind requires that they should declare the causes which impel them to the separation (cit. in Heffner & Heffner, 2018, p. 7).

1. Meios

O expediente das milícias não seria suficiente para derrotar um exército como o inglês. Então, quais os meios que os colonos apresentaram para contrariar esta realidade? As milícias assumiram a responsabilidade no início da guerra, mas foram substituídas pelo Exército Continental:

They Now realized, however, that the numerous militia units from many states could not operate without central command and control. On June 14, Congress created the Continental Army composed of the state militias surrounding Boston (Lanning, 2008, p. 28).

Para comandar essa força regular, foi escolhido um militar de carreira virginiano, considerado um dos oficiais mais experientes da altura, o coronel George Washington. Na descrição do historiador James West Davidson (2015, p. 86), “*Six feet tall, erect and dignified, a sword at his side and silver spurs on his boots, he was the only american officer with experience in the Seven Years’ War who was still relatively young*”. Uma descrição que vai de acordo ao perfil do comandante predefinido por Sun Tzu (2009, p. 3), “*The commander stands for the virtues of wisdom, sincerity, benevolence, courage and strictness*”.

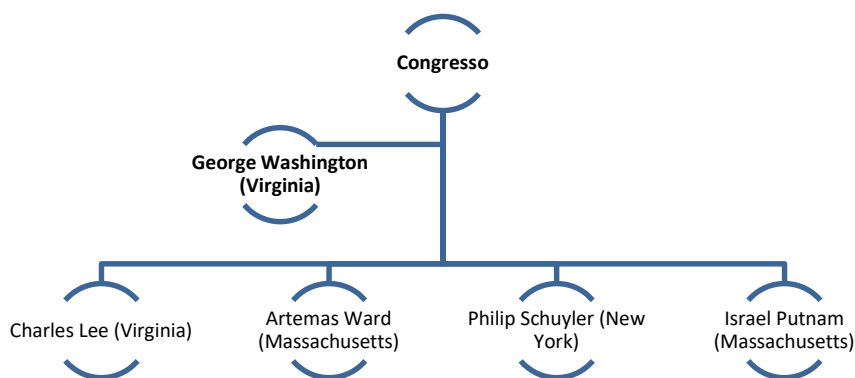


Figura 10: Cadeia de Comando Político-Militar

Não nos é possível contabilizar todas as pessoas que pegaram em armas para lutar por iniciativa e comando próprio, mas podemos concluir que muitos grupos autónomos acabaram por integrar o exército regular a certo ponto. Michael Lee Lanning (2008, p. 28) contabiliza 17 mil soldados continentais na chegada de Washington a Boston em julho de 1775, “(...) *all former militiamen and all of whom were nearing the expiration of their year of service commitment*”. Washington treinou o exército durante os meses seguintes, embora não estivesse muito seguro da sua eficácia. O sistema de contrato de curto prazo não chegava para que um soldado atingisse a plenitude das suas capacidades, e os números de alistamentos e voluntários que desejavam permanecer no ativo não eram encorajadores. Ao todo, Lanning (2008, p. 29) estima que:

- No total, alistaram-se 231,771, “*Multiple reenlistments by the same soldiers, battle casualties, disease, and desertion meant that nowhere near this number served at any one time*” (p. 29);
- 35,000 foi o máximo de ativos no serviço ao momento (p. 29);
- Nunca Washington comandou mais de 17,000 homens no teatro de operações, “(...) *and that count includes local militiamen as well as regulars*” (p. 29).

A verdade é que grande parte destes voluntários provinham de meios humildes e famílias pobres, esperando uma oportunidade de conseguir um pagamento razoável. Ainda segundo Michael Lanning (2008, p. 30), “*few signed up out of any sense of patriotism, this sentiment being foreign to men who had little exposure to life beyond their families and villages*”.

Quanto ao armamento, este não teria evoluído consideravelmente desde a Guerra dos Sete Anos. A “*Brown Bess*” *Musket* de produção inglesa tornou-se a arma mais convencional, usada pelas milícias e Exército Continental. Mais tarde, os franceses reforçaram os colonos com a *Charleville* francesa de calibre 69. O problema dos colonos não era a qualidade das armas, mas o abastecimento das mesmas. Enquanto a infantaria britânica trazia tudo, os colonos estavam muito dependentes de terceiros, e sobretudo daquilo que conseguissem pilhar e recuperar ao inimigo. E no caso da artilharia, a importância desta fonte seria ainda mais significativa, devido à escassez de peças. O congresso chegou a encomendar peças de artilharia a várias siderurgias locais, mas muitas não conseguiram produzir as quantidades pedidas devido ao controlo do exército britânico, e porque nenhuma estava habituada a fabricar este tipo de material. Ron Soodalter (2015) é bem claro nesse aspeto:

While Britain’s foundries had been perfecting the art of gunmaking for centuries, until the Revolution very few American founders had ever cast cannons. And as tensions between the mother country and the colonies had grown, Britain had banned manufacture of artillery in America, declaring it both illegal and disloyal to cast guns. Nonetheless, with the outbreak of hostilities, the Continental Congress and the governing bodies of the colonies called upon America’s ironmasters to manufacture cannons—and to do so with all haste. At the risk of their lives and property, many complied.

Outro ramo em que os colonos estariam claramente em inferioridade, era a marinha. E neste capítulo, a forma que os colonos arranjam para contornar o poder da *Royal Navy* foi a contratação de embarcações privadas, os *privateers*. Estas embarcações teriam a missão de sabotar, pilhar e afundar os navios do inimigo a troco de um pagamento por parte do Congresso. A entrada da marinha francesa no conflito anulou essa desvantagem, e além disso, como descreve Lanning (2008, p. 222), “*The American Revolution was won on land, not at sea, but privateers did contribute to the ultimate victory. Their performance and contributions merit a ranking in the middle of this list*”. Como tal, a superioridade da marinha britânica acabou por não ter uma influência decisiva.

2. Meio

As colónias organizavam-se regionalmente em três zonas, New England, o Centro, e o Sul, sendo que as características do meio pouco variam entre estas três regiões, contrariamente aos contrastes que existem à medida que se avança no interior (Alexander, 1963). A predominância de vastas planícies junto ao litoral, e terreno montanhoso no interior, com a

aproximação às Appalachian Mountains, parece uma constante de toda a faixa costeira. Destaca-se ainda a existência de uma vegetação abundante com bosques e florestas. O clima apresenta piques de frio, sobretudo nos estados a Norte, onde a ocorrência de neve durante o inverno forçou a paragem da guerra por inviabilidade das operações estratégicas (Imagine Publishing Ltd, 2015).

A confrontação aconteceu um pouco por todo o lado, e podemos dizer que no fundo, as condições do meio, e sua variedade nos aspetos que mais concernem à estratégia militar, nomeadamente o relevo, a vegetação e o clima, não prejudicaram nenhuma das partes. A letalidade da infantaria britânica em campo aberto, foi muitas vezes suplantada pela adaptabilidade das milícias em terreno irregular e vegetativo (Imagine Publishing Ltd, 2015).

Lexington - Concord	Brandywine	Savannah
Bunker / Breed's Hill	Fort Stanwix	Charlestown
Quebec	Saratoga	Camden
White Plains	Germantown	Kings Mountain
Long Island	Monmouth	Cowpens
Trenton	Augusta (Kettle Creek)	Guilford Courthouse
Princeton	Vincennes & Kaskaskia	Yorktown

Figura 11: Quadro dos Principais Cenários de Confrontação

Fonte: Imagine Publishing Ltd, 2015. *All About History: Book of the Founding of the United States*. Bournemouth: Imagine Publishing Ltd.

3. Tempo

We must fight! Is Life so dear, or peace so sweet as to be purchased at the price of chains and slavery? Forbid it, almighty God! I know not what course others may take, but as for me, give me liberty or give me death!⁴.

Tirando partido deste clima, os colonos iniciaram a revolução num momento de extrema tensão social, mas ainda assim, a adesão não foi a esperada. Os governos estrangeiros evitaram envolver-se, e muitos dos compatriotas tomaram o lado do inimigo. Não obstante, a relação entre as partes atingiu um ponto de rutura, e não se pode dizer com certeza, que surgisse melhor

⁴ A frase acima descrita é uma conhecida citação de Patrick Henry, incluída num discurso proclamado a 23 de março, de 1775 em St. John's Church, Richmond. É possível encontrar a versão do discurso completa em várias obras biográficas, sendo que para o efeito esta citação foi retirada de *Book of The Founding of the United States* (2015, p. 20).

altura. É difícil definir um momento ideal para executar uma operação estratégica como uma revolução, devido à imprevisibilidade de fatores externos como a adesão popular ou a reação estrangeira. Não nos podemos esquecer que falamos da subversão do regime político em vigor, e como tal, o seu planeamento tem de ser feito na clandestinidade.

Diz Sun Tzu (cit. in Lara 2013, p. 381) que, “*Não há nenhuma guerra prolongada da qual algum país tenha beneficiado*”, e na prática essa premissa aplica-se também aqui. Em termos estratégicos, a duração do conflito revelou-se difícil de gerir, e sendo a parte teoricamente inferior, o Exército Continental acabou por ser naturalmente o maior prejudicado pelos longos seis anos de guerra. Uma realidade que atacou a moral e a confiança dos revoltosos, pondo em risco o propósito da revolução.

O facto de ter sido um conflito consideravelmente longo, tendo em conta as partes envolvidas, permite-nos ter uma noção do ritmo a que este decorreu. As hostilidades começaram em 1775, sendo que só após a retirada dos colonos em 1776, é que se conduziu à organização e replaneamento da estratégia. A guerra atingiu o seu auge a partir de 1777, com as confrontações a surgirem de forma frequente, denotando-se as paragens forçadas pela dureza dos invernos.

4. Contrário

Quando falamos do Exército Britânico no séc. XIX, referimo-nos provavelmente à maior, e mais bem treinada força militar do mundo à altura. Um exército pautado pela disciplina e décadas de tradição, comandado por especialistas militares, encaixados numa hierarquia muito rigorosa. Como salientam Barbara Bigelow e Linda Schmittroh (2000, p. 106), “*Leadership roles in the British military went to officers, usually from the upper classes (often the younger sons of members of the nobility)*”. O facto da maioria destes líderes serem provenientes da alta sociedade e famílias nobres, tornava a cadeia de comando um verdadeiro lobby elitista, que se regia por um código de honra entre cavalheiros que acabava por ser cultural. Os comandantes britânicos na Guerra da Independência faziam parte deste círculo, e apesar de se tratar de hábeis líderes e estratégias militares, as suas carreiras ficaram associadas ao insucesso. Os meios disponibilizados, seriam, na perspetiva britânica, mais do que suficientes para conter a revolta e encerrar a o problema rapidamente. Concluo que a hierarquia de comando rígida, combateu-se a si própria por questões estatutárias. Dada a suposta superioridade, não seria tolerável qualquer tipo de falhanço contra um oponente caricaturado

como “camponeses com forquilhas”, pelo que uma derrota em batalha seria interpretada como uma vergonha e uma desonra para o país, e o rei. Em termos estratégicos, esta troca de líderes mostrou-se desastrosa a longo a prazo na guerra, expondo a instabilidade e insegurança.

Thomas Gage (1720-1787)	Comandante das forças britânicas na América do Norte entre 1763 e 1775.
Sir William Howe (1729-1814)	Foi o substituto de Thomas Gage. Assumiu o comando entre julho de 1775 e maio de 1778.
Henry Clinton (1730-1795)	O terceiro comandante do exército britânico. Assumiu o comando do exército até à rendição em 1781.

Figura 12: Quadro dos Comandantes das Forças Britânicas ao longo da Guerra

Fonte: Imagine Publishing Ltd, 2015. *All About History: Book of the Founding of the United States*. Bournemouth: Imagine Publishing Ltd.

Tal como no caso dos americanos, também aqui temos dificuldades em acertar os dados relativamente ao número de homens destacados. Philip Jenkins (2012, pp. 64-65) afirma que o número de britânicos acabou por ser surpreendentemente baixo, tendo em conta os meios de que dispunham, “*Mesmo com o auxílio de milícias leais e de mercenários alemães (Hessianos), as forças britânicas na América nunca excederam os 50 000 homens*”. Michael Lanning (2008, p. 42) refuta e afirma que este número não incluiria aliados, “*By 1778 the American rebels faced 50,000 British regular plus their Hessian mercenaries and Loyalist supporters*”. De qualquer forma, é nesta ideia de Jenkins e Lanning que subsiste um dos grandes diferenciadores da guerra. A Grã-Bretanha pôde contar: com lealistas americanos, apelidados de *Tories*, que permaneceram fiéis ao rei, e que acabaram por pegar em armas ao lado dos ingleses; e o auxílio de outras potências interessadas na derrota dos rebeldes. E neste último ponto, os hessianos tiveram um papel de destaque. Os laços de amizade entre os dois reinos, a partilha pelo tipo de regime monárquico, e a aversão às causas independentistas das colónias levaram Friedrich II a disponibilizar os seus homens no estatuto de mercenários. Por fim ainda surgem os índios. Este grupo tinha um interesse geopolítico na derrota dos colonos, uma vez que visavam a preservação das suas terras, e a manutenção da proibição da expansão para oeste. Uma vitória dos colonos significaria consequências desastrosas, como mais tarde se vieram a verificar, com a perda de território e a quase extinção da raça.

Estrategicamente, a análise do contrário fica marcada por uma avassaladora vantagem. Reforço a ideia de que se tratava da força militar mais especializada do mundo, com uma

liderança bem estruturada, e um aprovisionamento de meios quase inesgotável. Para agravar, acrescento que a conjuntura da política internacional jogava a seu favor, beneficiando do apoio de grupos com interesses geopolítico e económico na derrota dos americanos.

a) Plano

Depois de considerarmos todas as componentes práticas da estratégia, podemos concentrá-las para delinear o plano. Neste caso, o plano do Congresso para conseguir a independência, combinava uma realidade política e militar, na ideia de que enquanto o Exército Continental sobrevivesse, também sobreviveria a revolução politicamente, e os seus ideais simbolicamente. A ideia seria aguentar o tempo suficiente de forma a chamar a atenção da comunidade internacional, e conquistar a simpatia pela causa, assim como um possível apoio. Uma ideia quase paradoxal, como faz notar Henry William Brands (2000, p. 523), *“The americans were caught in a cruel trap. They could not win without French backing, but they could not gain French backing without showing they could win”*. Um plano que no limite acabou por resultar, comportando enormes riscos. Um não envolvimento da França daria o prolongamento do conflito, e provavelmente a derrota dos rebeldes. Significaria no mínimo a detenção e execução dos líderes e incitadores da revolta, com consequências que poderiam ir desde o agravamento do estatuto dos colonos à morte completa dos ideais independentistas a longo prazo.

b) Manobra

Enquanto oficial experiente, o general Washington sabia das dificuldades do Exército Continental ao enfrentar os britânicos em fogo cruzado perante campo aberto. Ao longo das décadas anteriores, os colonos aprenderam a lidar com as técnicas de combate dos nativos, criando aqui uma oportunidade para pô-las em prática, como explica Arthur Schlesinger (cit. in Bigelow & Schmittroth, 2000, p. 107), *“In Indian fashion they now also scoured the woods, moving swiftly in small bands unimpeded with heavy baggage, sleeping in the open, living off the land, and stealing through the underbrush to spring surprise attacks”*.

Washington percebeu que para derrotar os ingleses, teria de os forçar a sair da sua zona de conforto e obrigá-los a lutar em pequeno número, e de preferência, fora de formação. O ataque a Trenton na madrugada de 26 de dezembro de 1776 foi exemplo dessa tática, quando o

Exército Continental apanhou os hessianos desprevenidos e incapazes de reagir ao ataque. Em resposta, Cornwallis lançou-se em perseguição aos americanos, contudo Washington tinha praticado uma retirada estratégica que lhe permitiu flanquear as forças de Cornwallis e alcançar a sua retaguarda em Princeton. Esta batalha nos primeiros dias de janeiro, ficou famosa pela ilusão que conseguiu criar no Exército Britânico, expondo a sua vulnerabilidade quando confrontado ante condições adversas.

O sucesso em Trenton impulsionou os americanos numa campanha positiva, recuperando aos poucos do desequilíbrio do início. Em setembro de 1777, Washington vislumbrou a verdadeira oportunidade para mudar o rumo da guerra. O Exército Britânico estaria dividido entre as forças de Howe, em New York, e as forças de John Burgoyne, no Quebec. O suposto seria os exércitos encontrarem-se para marchar sobre Philadelphia, mas o caminho para sul revelou-se muito duro para Burgoyne, o que deu tempo ao Exército Continental para se organizar e ir ao seu encontro. Os homens de Horatio Gates acabaram por intercetar e surpreender os ingleses em Saratoga, *“They never saw the long Kentucky rifle muzzles poke out from the bushes. (...) The rifles blazed and every officer among the skirmishers fell. The British returned fire at a hopeless range”* (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 42). Ao fim de vinte e oito dias de batalha, com as linhas de abastecimento cortadas e sem esperança de um reforço, Burgoyne rendeu-se.

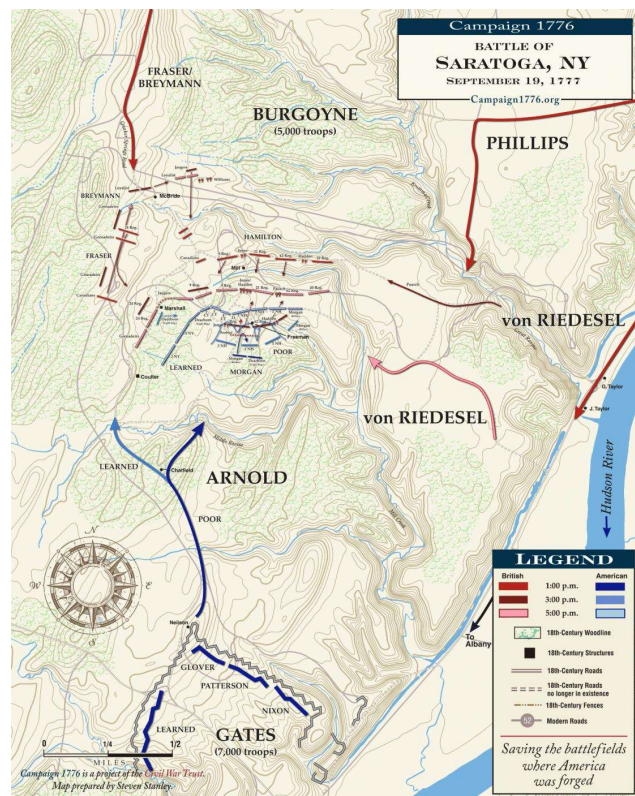


Figura 13: Mapa da Batalha de Saratoga, Setembro de 1777

Fonte: American Battlefield Trust, S.D. *Saratoga: Freeman's Farm – September 19, 1777*, Escala N.I., [map]. Washington DC: American Battlefield Trust. Available at: <https://www.battlefields.org/learn/maps/saratoga-freemans-farm-september-19-1777>. [Acedido em 15 abril 2019].

Por esta altura, a revolta ganhava expressão no Sul. Ao forçar os britânicos a empreender uma campanha nessa região, os rebeldes conseguiram provocar uma rutura de forças e uma divisão de esforços, que conduziu a uma incapacidade logística, e consequentemente à situação de exaustão estratégica. Em meados de 1781, Cornwallis escolheu a península de Yorktown para montar a sua defesa. Com as costas viradas para Chesapeake Bay e para o oceano, pouco teria a temer, pois um ataque por terra seria facilmente repulso, e por mar os colonos não conseguiam fazer frente aos navios britânicos. O que Cornwallis não contou, foi com a chegada da armada francesa e dos seus homens. Cercado por terra pelo general Washington, Lafayette e Rochambeau; e por mar pelo almirante Comte de Grasse, Cornwallis não teve outra hipótese senão render-se. Em meados de outubro a guerra acabou (Imagine Publishing Ltd, 2015). A manobra dos americanos, embora assente em táticas pouco convencionais, tendo em conta as práticas formais de batalha típicas do séc. XIX, serviu o propósito maior ao dividir o oponente, forçando a confrontação em pequena escala.

c) Modelo Comportamental

É suposto a estratégia decorrer de acordo com um planeamento e uma preparação cuidadosa, indo ao encontro das nossas previsões, embora na prática, isso nem sempre acontece. Muitas vezes tem de ser adaptada ao longo do percurso devido à intervenção de fatores externos, e à mudança cíclica do ambiente circundante. Nestas circunstâncias, a estratégia intencional dá lugar à estratégia emergente.

Neste caso, os líderes da revolução teriam consciência da complexidade da preparação de uma estratégia na clandestinidade. Sem ter a completa noção dos meios e do resultado do ambiente externo, devemos considerar que a estratégia dos colonos esteve em constante adaptabilidade e emergência. A título de exemplo, seria expectável que após a proclamação da independência a população tomasse partido a favor dos rebeldes e participasse ativamente, contudo a realidade ficou aquém das previsões:

On July 8, in front of a crowd in the yard of Pennsylvania's Colony House, John Nixon, a member of the Committee of Safety, read the Declaration of Independence aloud. Reactions were mixed. Amid the cheers and ringing bells, Loyalists and Tories booed and berated (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 27).

Da mesma forma, quando Howe regressou às colónias forçou Washington a retirar-se, foi necessária uma reavaliação do ambiente, dos meios, e de repensar toda a estratégia. As variações dos acontecimentos e o ajustamento flexível da estratégia conduziu os rebeldes à vitória.

d) Posição

Em termos militares, a estratégia calcula a melhor maneira de protegermos a nossa posição, tirando o máximo de vantagem para alcançar a do adversário o mais eficaz e rapidamente possível. Numa primeira fase da guerra, os americanos tiveram dificuldades no confronto direto, perdendo muitas vezes as posições por revelarem incapacidade de explorar as fraquezas do adversário. A retirada do Exército Continental de New York para os bosques da Pennsylvania, aquando do regresso dos britânicos às colónias no verão de 1776, foi a demonstração dessa impreparação.

A partir de 1777, os resultados em Trenton simbolizaram a primeira captura significativa de uma das posições do oponente. Para tal, utilizaram as condições geográficas e climatéricas

como vantagem. Daí para a frente revelou-se muito difícil para os ingleses manterem as suas posições no campo de batalha, uma vez que teriam sido desmascarados das suas fragilidades e do seu *modus operandi*. O Exército Continental passou a ser capaz de ganhar e conservar posições, impondo duras derrotas e retiradas embaraçosas aos ingleses. Mas a vitória nas batalhas e a conquista de posições contrárias teria um significado muito maior que o reconhecido pela prática militar. Se falarmos num contexto político, a posição ganha ainda mais importância. Geopoliticamente os rebeldes estavam isolados pela aliança entre índios, germânicos e lealistas, não tendo a relevância internacional que justificasse um apoio direto e seguro. É compreensível que nenhuma potência estivesse na disposição de apoiar um lado que provavelmente sairia derrotado, comprando um conflito com a Grã-Bretanha que poderia ter repercussões nas próprias possessões. Acontece que quanto mais os rebeldes ganhavam no terreno, mais claro ficava para a comunidade internacional que os americanos eram de facto uma entidade a respeitar com uma real hipótese de ganhar. A posição contrária conquistada em Saratoga acabou mesmo por mudar o curso da guerra, também a nível internacional.

e) Perspetiva

Em 1776 Thomas Paine escreveu um artigo intitulado *Common Sense* (cit. in Heffner & Heffner 2018, pp. 5-7). No documento, estão descritos argumentos que comprovam a opressão e desigualdade que a Grã-Bretanha exercia sobre os súbditos das suas colónias, e como seria prejudicial para os colonos continuarem vinculados a esta subjugação. Entre outros argumentos, Paine fala em: dependência económica e comercial dispensável; na participação forçada em conflitos que não eram seus; e na privação de liberdades políticas.

I challenge the warmest advocate for reconciliation to show a single advantage that this Continent can reap by being connected with Great Britain. I repeat the challenge; not a single advantage is derived. Our corn will fetch its price in any market in Europe, and our imported goods must be paid for, buy them where we will. (p. 6)

Os líderes rebeldes montaram a sua revolução com base numa conceção de ideais de carisma iluminista francês. É verdade que falamos de uma organização de carácter subversivo, no entanto na perspetiva e mentalidade dos oficiais e estrategas, esta representava uma causa moralmente justa em que a finalidade seria, além da independência, a luta contra um poder tirânico e opressor. De acordo com esta perspetiva ideológica, acredito que apesar da inferioridade em meios e capacidades, a crença num ideal e a elevação do sentido de

patriotismo, acabou por criar uma vantagem psicológica, simplesmente por terem um motivo muito mais sólido para lutar do que o opositor.

II. DE COSTA A COSTA

Em 1783, a paz assinada em Paris garantia aos Estados Unidos da América o reconhecimento oficial da independência. Seriam agora livres para formalizar a sua organização administrativa e política, no entanto, o desejo de autodeterminação que serviu como unificador já não se colocava, e o futuro da confederação parecia estar a desintegrar-se.

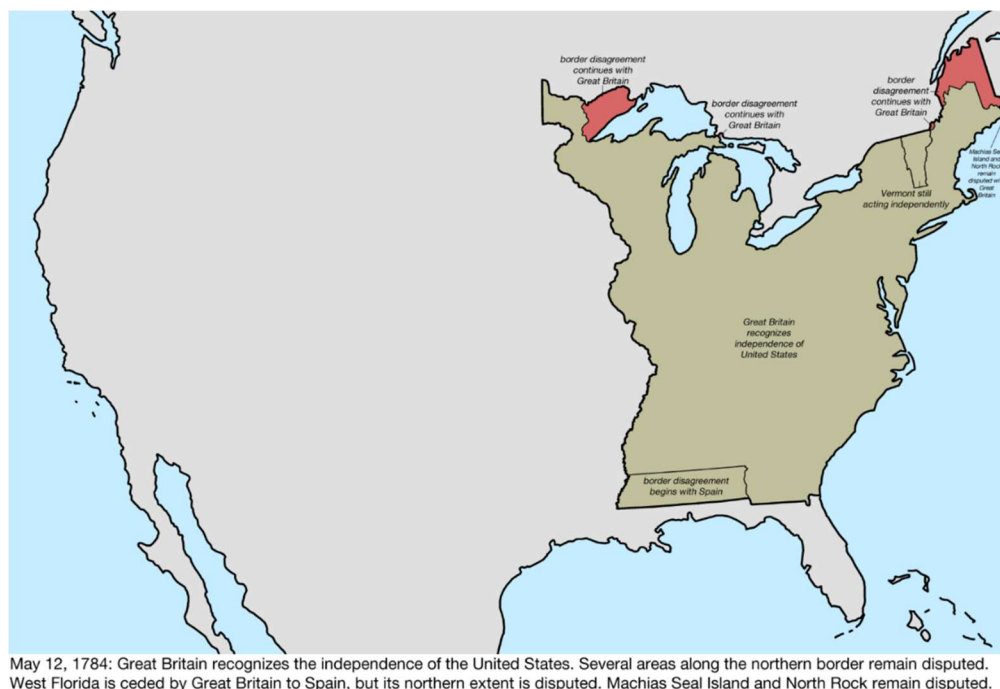


Figura 14: O Território Americano Reconhecido pelo Tratado de Paris 1783

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the international disputes involving the United States in central North America on April 12, 1784*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 05 dezembro 2018].

As dívidas resultantes da guerra abriram um precedente perigoso. O Congresso emitiu a desvalorização das notas continentais e a inflação disparou. A situação tornou-se de tal forma delicada, que não havia dinheiro para pagar aos veteranos. Para tentar controlar a situação viram-se obrigados a recorrer aos impostos e às tarifas comerciais, contudo, como é que um governo que não existe, vai taxar uma população que não o reconhece? O Congresso não saberia o alcance da sua legitimidade, e ao contrário dos estados que teriam as suas instituições bem afirmadas, os Artigos da Confederação não garantiam força suficiente para se sobrepor ao poder local, como explica James West Davidson (2015, p. 93), “*Congress couldn’t tax Americans to pay for its expenses; it could only request money from the states. It had no power to regulate*

trade between the thirteen states and the rest of the world". A repressão por tributação estava bem presente na memória dos colonos, pelo que não tardaram a aparecer os primeiros protestos, geralmente grupos de devedores agrários sobrecarregados por dívidas e impostos para com um governo que não era o seu, como o grupo armado de Daniel Shay, que em 1786 invadiu os tribunais de Boston e provocou um motim, *"This dustup reached many state halls of government and the cry of "liberty gone mad!" went up. Even George Washington remarked, "We are fast verging on anarchy and confusion!"* (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 45).

As más relações dos estados com o Congresso não era o único problema. Havia uma rivalidade regional acentuada, sobretudo entre norte e sul. Como podemos ver pelo mapa da figura 14, o território norte-americano reconhecido pelos ingleses iria muito para lá do consagrado nas Treze Colónias, arrastando-se até ao rio Mississipi. Ou seja, toda a gente queria uma parte, e sem um sistema central forte para gerir a partilha, acabou por prevalecer a vontade dos mais fortes. Os interesses divergiam, e até no que toca a política externa, falavam a várias vozes. Diz Philip Jenkins (2012, p. 69) que a certo ponto, alguns destes chegaram a procurar proteção estrangeira, de forma a salvaguardarem os seus negócios:

Sem a proteção de um governo central, era tentador para os Americanos procurarem a proteção dos Espanhóis ou dos Ingleses para comercializarem e se instalarem nas suas terras; e embora inicialmente apenas alguns grupos de indivíduos estivessem dispostos a abandonar a sua lealdade americana, havia sinais de que territórios ou estados inteiros poderiam achar a secessão conveniente.

Perante este ambiente, ficou clara a necessidade urgente de evoluir no sistema político, e ainda nesse ano estaria aberta a Convenção Constitucional. A redação da constituição não terá sido mais pacífica que os meses que a antecederam. As rivalidades mantinham-se, e notava-se um clima de grande suspeição quanto às intenções de cada um. Muitos dos congressistas estariam relutantes em delegar soberania a um órgão central, com o receio de ficar refém das suas objeções e interesses alheios.

The Constitution of the United States, 1787 (cit. in Heffner & Heffner 2018, pp. 16-17)

We the People of United States, in order to form a more perfect union, establish justice, insure domestic tranquility, provide for the common defence, promote the general welfare, and secure the blessings of liberty to ourselves and our posterity, do ordain and establish this Constitution for the United States of America.

A constituição levantou várias questões pouco consensuais, a começar pelo regime político. James Madison defendia um governo republicano, instituído pelo povo e com possibilidade de ser destituído pelo mesmo; já Alexander Hamilton preferia um sistema monárquico e aristocrático, imune às emoções populares. A solução recaiu sobre um sistema de mandatos com separação de poderes. Assim as legislaturas não seriam derrubadas sob pretextos menores, e ao mesmo tempo o povo manteria a posse do poder (Jenkins, 2012). O tema da representação revelou-se outro enclave. Deveria esta ser igualitária para todos os estados, ou proporcional à densidade populacional de cada um? Estados como Rhode Island, Delaware, ou New Jersey preferiam o primeiro, com um estado um voto, de acordo com aquilo que tinha sido estabelecido na Confederação; já Pennsylvania, Virgínia ou Massachusetts desejavam o oposto, com representantes a equivaler ao número populacional. Os estados mais pequenos temiam a apropriação do sistema por parte dos grandes; e os grandes não queriam ficar sujeitos aos caprichos dos pequenos. Perante este impasse, Benjamin Franklin foi obrigado a intervir⁵, e o resultado foi a criação de duas câmaras, uma baixa de representação proporcional; e uma alta de representação igualitária (Brands, 2000), descrito pelo primeiro artigo da constituição de 1787 (cit. in Heffner & Heffner, 2018, pp. 17-18):

Article I

Sec. 1. All legislative powers herein granted shall be vested in a Congress of the United States, which shall consist of a Senate and House of Representatives.

Sec. 2. The House of Representatives shall be composed of members chosen every second year by the people of the several States, and the electors in each State shall have the qualifications requisite for electors of the most numerous branch of the State Legislature.

(...)

Sec. 3. The Senate of The United States shall be composed of two Senators from each State, chosen by the legislature thereof, for six years; and each Senator shall have one vote.

(...)

⁵ Rhode Island foi o primeiro a assinar o documento em 1787, tendo entrado em vigor em 1789 com nove estados a ratificarem. Pelo que se percebe a Constituição seria incompleta e imperfeita, contudo concluímos que terá sido o possível dada a incompatibilidade de interesses e exigências. Como nota Benjamin Franklin (cit. in Brands, 2000, p. 690), não se poderia esperar melhor.

A convenção elegeu George Washington como primeiro Presidente da República. Uma figura carismática e consensual, que teve a capacidade de liderar os americanos em tempo de guerra, e teria a oportunidade de os unir em tempo de paz. A primeira administração não teve a tarefa facilitada, pois o novo sistema federativo ainda confundia muita gente, e tornaram-se frequentes os diferendos com o governo central. Coube ao Supremo Tribunal de Justiça a resolução desses processos, cujas interpretações da lei e dos artigos constitucionais ajudaram a preencher as lacunas presentes na Constituição, e criaram exemplos de decisão para casos futuros. Também o sistema financeiro teve de ser criado de origem. Alexander Hamilton foi responsável pela sua construção na qualidade de Secretário do Tesouro, e incidia na intervenção do Estado na economia; na salvaguarda das manufaturas e vias que delas dependiam; e na criação de um banco central de forma a liquidar as dívidas que atrasavam o progresso (Jenkins, 2012).

A saída de Washington abriu portas à política partidária. Federalistas e republicanos confrontavam-se na arena política, num clima de insultos e perjúrios. A confrontação chegou a atingir um nível de violência mortal quando Aron Burr, vice-presidente de Thomas Jefferson, matou a tiro Alexander Hamilton num duelo. Esta rivalidade manteve-se, sendo que só encontrou algum nível de civilidade após o fim da Guerra Civil. Mas foi a administração de Thomas Jefferson (1801 cit. in Heffner & Heffner, 2018, p. 78) a primeira que promoveu um ambiente de paz e crescimento, a nível político, social, económico e territorial:

During the throes and convulsions of the ancient world, during the agonizing spasms of infuriated man, seeking through blood and slaughter his long-lost liberty, it was not wonderful that the agitations of the billows should reach even this distant and peaceful shore; that this should be more felt and feared by some and less by others; that this should divide opinions as to measures of safety. But every difference of opinion is not a difference of principle. We have called by different names brethren of the same principle. We are all Republicans – we are all Federalists. If there be many among us who would wish to dissolve this Union or to change its republican form, let them stand undisturbed as monuments of the safety with which error of opinion may be tolerated where reason is left free to combat it.

É precisamente Jefferson quem abre as portas da expansão, e mesmo verificando-se uma relação tensa entre os partidos, a verdade é que o aumento territorial seria uma ambição de todos, e para usufruto de todos. Em 1803, Jefferson pediu fundos ao Senado para financiar uma expedição de reconhecimento pelo interior do continente. A missão coube ao capitão Meriwether Lewis e a William Clark, numa viagem que durou cerca de três anos até atingir a costa do Pacífico, cartografando mais de cento e quarenta mapas (Davidson, 2015). Em 1800 o

mapa dos Estados Unidos permanecia idêntico ao que foi acordado no Tratado de Paris: a norte, os ingleses restringiam-se aos territórios do atual Canadá; a sul a Florida ainda fazia parte do Império Espanhol; e a Oeste, a França tinha-se apoderado dos territórios espanhóis, com as nações índias a ocupar o *innerland* americano. Mas mesmo no meio de toda esta contenda, Jefferson (1801 cit. in Heffner & Heffner, 2018, p. 77) viu mais além:

A rising nation, spread over a wide and fruitful land, traversing all the seas with the rich productions of their industry, engaged in commerce with nations who feel power and forget right, advancing rapidly to destinies beyond the reach of mortal eye.

A. Louisiana

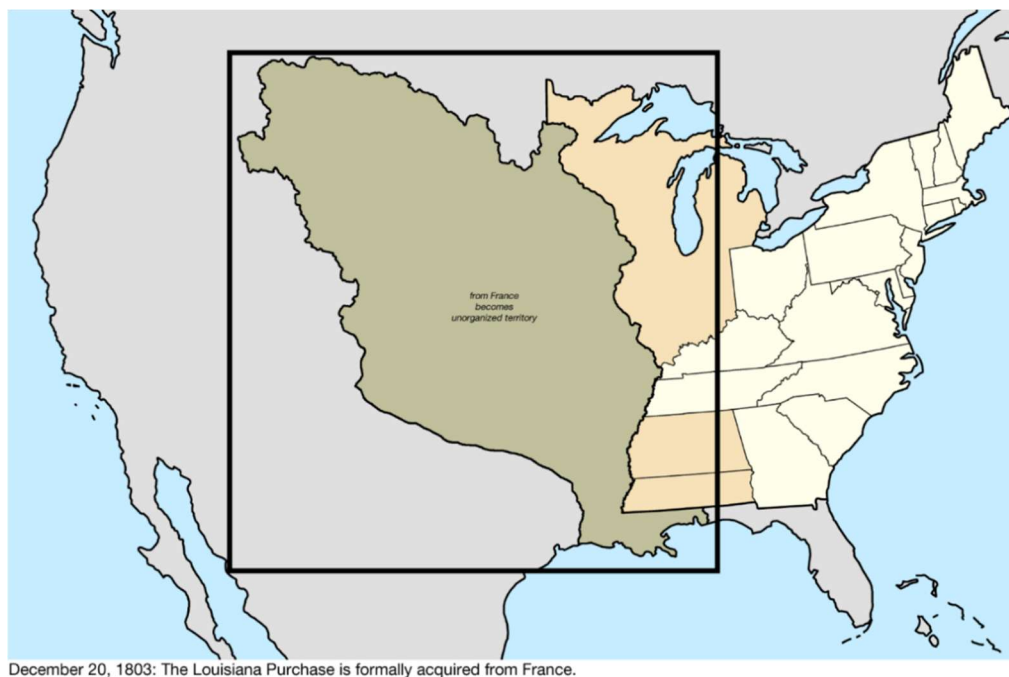


Figura 15: A compra do Louisiana

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on December 20, 1803*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 14 dezembro 2018].

Whilst the property and sovereignty of the Mississippi and its waters secure an independent outlet for the produce of the Western States and an uncontrolled navigation through their whole course, free from collision with other powers and the dangers to our peace from that source, the fertility of the country, its climate and extent, promise in due season important aids to our Treasury, an ample provision for our posterity, and a wide spread for the blessings of freedom and equal laws (Jefferson, 1803).

B. Oregon e Florida

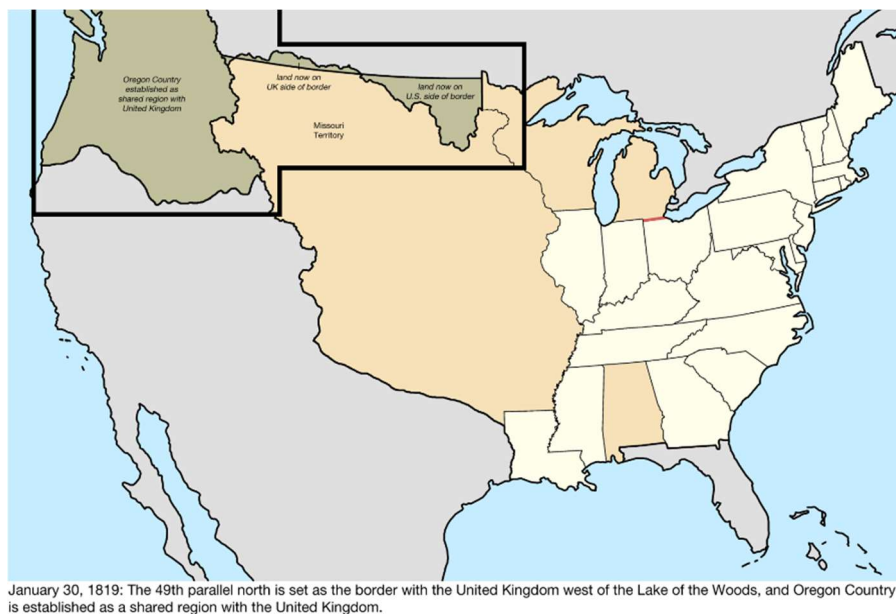


Figura 16: A Região do Oregon é Incorporada e a Fronteira Estabelecida no Paralelo 49

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on January 30, 1819*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 15 dezembro 2018].



Figura 17: A Florida foi Transferida para Território Norte-Americano em duas Tranches

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on July 17, 1821*, Escala N. I., [map]. São Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 15 dezembro 2018].

C. Do Texas à California

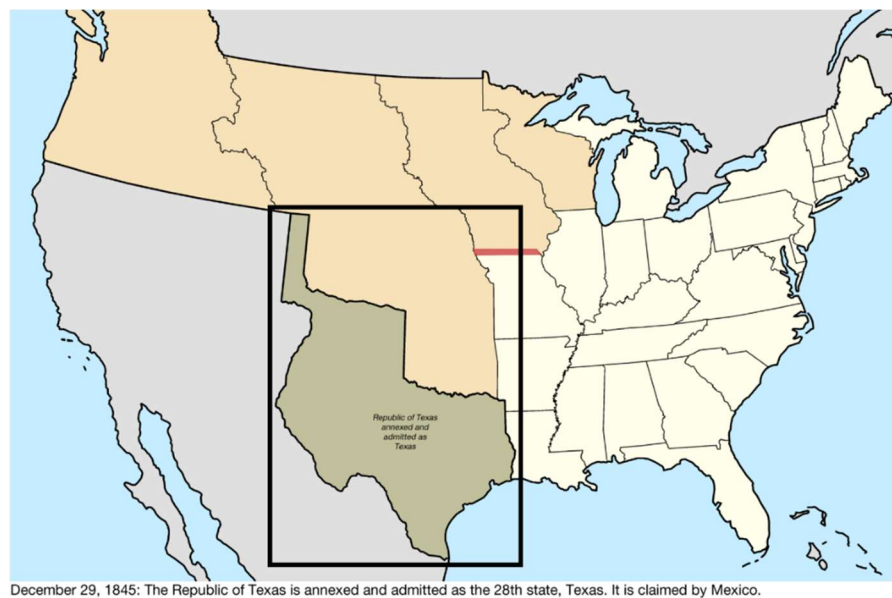


Figura 18: Anexação do Território do Texas

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on December 29, 1845*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 16 dezembro 2018].



Figura 19: A Concessão dos Restantes Territórios do Texas à California

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on July 4, 1848*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 16 dezembro 2018].

D. Administração Interna

Vermont	1791
Kentucky	1792
Tennessee	1796
Ohio	1803
Louisiana	1812
Indiana	1816
Illinois	1816
Mississippi	1817
Alabama	1819
Maine	1820
Arkansas	1836
Michigan	1837
Florida	1845
Texas	1845
Iowa	1846
Wisconsin	1848
California	1850
Minnesota	1858
Oregon	1859

Figura 20: Quadro dos Novos Estados e Ano de Admissão na União

Fonte: Shearer, B. F., 2004. E Pluribus Unum. Em: B. F. Shearer, ed. *The Uniting States*. Westport, CT: Greenwood Press, pp. 1-23.

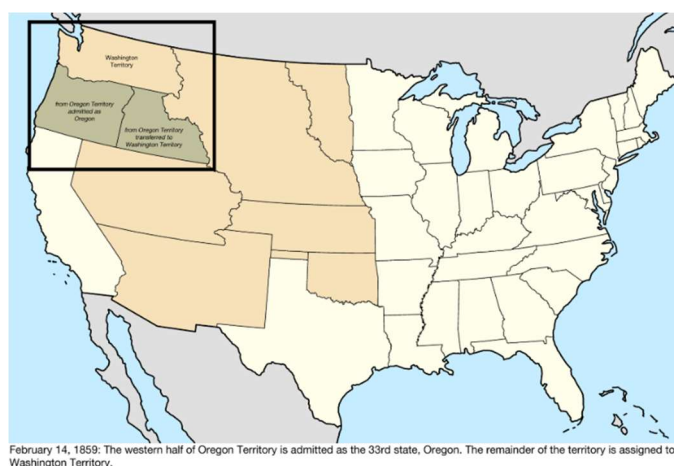


Figura 21: Disposição do Território nas Vésperas da Guerra Civil

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on February 14, 1859*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 17 dezembro 2018].

1. Meios

A: Apesar das rixas partidárias e do difícil clima político, os EUA prosperaram. Como explica James West Davidson (2015, p. 103):

The United States would become prosperous and powerful, Federalists believed, if the government encouraged industry and business to flourish. They approved Hamilton's financial programs and favored having a national bank, which Hamilton persuaded Congress to create.

A recuperação financeira, e o crescimento económico impulsionado pelo mercantilismo de New England, permitiu criar os alicerces financeiros e económicos para desenvolver outras partes que visassem o fortalecimento do Estado Federal. Ao fim de vinte anos, a república recuperou a sua capacidade de investir, e nesta ocasião, acabou por investir na sua própria expansão territorial, tendo como meios a tesouraria. Tal como conta Benjamin F. Shearer (2004, p. 9), *“The United States paid \$15 million for over 800,000 square miles of territory, out of which would be carved the states of Louisiana, Arkansas, Missouri, Iowa, Nebraska, South Dakota, and parts of seven other western states”*.

B: O Oregon é um dos primeiros sucessos da diplomacia norte-americana. Na qualidade de Estado soberano, os EUA teriam direito a certas competências internacionais decorrentes do seu estatuto. António de Sousa Lara (2013, p. 285) nomeia-as em:

- a) o soberano Direito de fazer a guerra (*jus belli*);
- b) o soberano Direito de celebrar tratados internacionais (*jus tractum*);
- c) o soberano Direito de representação diplomática e consular (*jus legationis*);

Devemos encarar estes direitos como os meios à disposição, pelo que neste caso, fizeram-se valer dos três. No que respeita ao *jus belli*, e aos meios disponíveis para o novo confronto com os ingleses, os americanos não registavam grandes melhorias desde o tempo da independência. O exército continuava mal-armado e mal treinado. Ainda assim, conseguiram juntar alguns milhares, maioritariamente voluntários, sendo que a grande novidade foi a apresentação da reforçada marinha. Contavam apenas com dezasseis navios, mas por outro lado, como denotam os autores de *All About History: Book Of The Founding of the United States* (2015, p. 71), *“On land, the American army was being badly led into disaster after*

disaster, while at sea a new generation of brash young captains with their 38- and 50-gun frigates were winning battle after battle”.

Após o conflito, o governo conseguiu negociar um novo estatuto para os territórios do Noroeste, utilizando o seu direito de *jus tractum* e *jus legationis*. Jeff Wallenfeldt, o editor de *The American Revolutionary War and the War of 1812* (Britannica Educational Publishing; Rosen Educational Services, 2010, p. 221), evidencia o papel de Albert Gallatin enquanto Secretário do Tesouro (1801-1814), dando ênfase à sua posição nas negociações de paz, e no Tratado de 1818:

The Declaration of war with Great Britain in 1812 shattered all of Gallatin’s most cherished schemes, for he felt war to be fatal to the nation’s prosperity and progress. He therefore put the nation’s finances in the best order he could and set himself to attain an early peace.

C: O Texas declarou-se como república independente em 1836, e ao fazê-lo, provocou um conflito com o México pela posse do território. Os texanos viram-se então forçados a enfrentar os mexicanos em circunstâncias semelhantes àquelas que os colonos encontraram na Guerra da Independência:

- com um exército inferior em treino e disciplina;
- também composto num regime de milícias;
- com menos armas e recursos limitados.

Diz James West Davidson (2015, p. 141) que a comunidade de americanos a viver no Texas por altura da guerra ascenderia mais de quarenta mil pessoas, “(...) *ten times the number of Mexicans*”. Contudo, a proporção nem sempre se verificou em aptos para combate, e essa realidade, ficou espelhada na famosa defesa da missão do Alamo, que contaria apenas com cento e oitenta e sete homens. Samuel Houston foi o escolhido para dirigir o exército, e tal como Washington tratava-se de um militar experiente, com muito tempo de vivência nas fronteiras do Oeste, tendo inclusive privado com nativos durante um período da sua vida. Houston revelou-se um estratega brilhante, adotando o mesmo tipo de estratégia que os colonos usaram contra os britânicos.

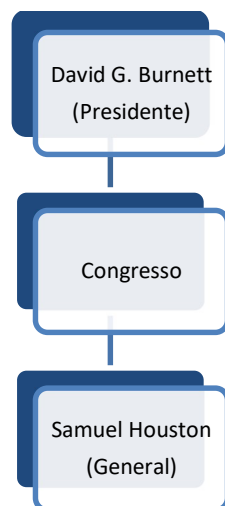


Figura 22: Hierarquia político-militar da República do Texas

A vitória dos texanos permitiu a entrada para a União em 1846. A partir daí seria o governo federal a lidar com os mexicanos, e desde logo reconhecemos outras condições e outra disposição de meios para negociar. Com outras capacidades, mais recursos, e o estatuto da sua política externa, os EUA conseguiram a posse dos territórios até à alta Califórnia, *“War with Mexico, precipitated in part by the annexation of Texas whose Independence as a republic was not recognized by Mexico, concluded with the Treaty of Guadalupe Hidalgo in 1848”* (Shearer, 2004, p. 14).

D: Os meios apresentados neste ponto não são aplicados enquanto política externa, mas sim já como meios destinados à administração interna. Não obstante, esta é uma etapa crucial na análise da construção territorial e do projeto geopolítico.

Ano do Censo	População Nacional (milhões)
1790	3,93
1800	5,3
1810	7,2
1820	9,6
1830	12,9
1840	17,1
1850	23,2

Figura 23: Quadro do Crescimento Populacional dos EUA entre 1790-1850

Fonte: Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.

A questão do crescimento da população surge como um dos meios fundamentais para a organização dos novos territórios. Através do povoamento do interior, foi possível o controlo permanente, e a extensão das fronteiras. No entanto era preciso garantir a segurança dessas povoações, e como o tempo das milícias teria acabado, estava na altura de formar uma força armada adequada ao tamanho da Federação. De acordo com os números fornecidos pela Encyclopaedia Britannica (2017), o tamanho do exército regular oscilou nas décadas seguintes consoante a necessidade:

After the War of 1812, the regular army was reduced to 10,000 men and was still further reduced in 1821 to 6,127. It gradually rose to 7,958 by 1838, when the combination of the Second Seminole War and the expansion of the western frontier caused Congress to authorize an increase to 12,577. With the end of the Second Seminole War in 1842, however, the army was decreased to 8,613 (occupying over 100 posts), and that was still its authorized strength at the outbreak of the Mexican-American War in 1846.

O conflito com o México fez disparar o exército regular para cerca de trinta mil homens, graças ao abandono da conceção de milícia. Após o conflito, o exército voltou a limitar-se a pouco mais de dez mil, tendo este número sido quebrado pela eclosão da Guerra Civil (The Editors of Encyclopaedia Britannica, 2017).

Outro dos meios que não pode deixar de ser mencionado é a quantidade de recursos que os Estados Unidos teriam à disposição. Alguns destes, como ouro, prata, e mais tarde petróleo, já se encontravam nos locais para onde o alargamento seria lançado. Parece uma observação incontornável e com um efeito pertinente, reconhecer que os EUA foram construídos a ferro e carvão, e que sem estes dois, não teria sido possível concretizar nenhum destes objetivos.

2. Meio

A: O meio deve referir o campo onde a estratégia é aplicada e trabalhada, e nessa linha de pensamento, falaríamos aqui do campo da política internacional, com todas as suas matrizes e protocolos de relacionamento entre dois poderes soberanos. Mas neste contexto, interessa sobretudo analisar o meio representado pelo objetivo territorial que os Estados Unidos estariam a tentar alcançar.

O território do Louisiana constituía-se desde o sul, com uma costa ligada ao Golfo do México, até ao norte, onde se situa o atual Montana. As Grandes Planícies apresentam um clima regular em praticamente toda a região, a sofrer do impacto das ondas de calor que se dirigem a

norte durante o verão; e das vagas de frio provenientes do Canadá durante o inverno. A barreira das cordilheiras montanhosas a este e a oeste condensam as temperaturas na região, o que proporciona um clima seco. Naturalmente as extremidades sofrem mais o impacto, com a ocorrência de neve nos estados a norte por altura do inverno; e fenómenos climatéricos provocados por altas pressões, como tempestades densas e furacões nos estados do sul durante o verão. Não é por acaso que o Louisiana é conhecido por ser um terreno pantanoso, húmido e quente. Além da área, este território seria valioso por ser atravessado por dois dos maiores rios da América do Norte, nomeadamente o Missouri e o Arkansas.

B: O território do Oregon apresenta uma conceção muito particular. Dentro do território existem duas cordilheiras montanhosas, as Cascade Mountains e as Rocky Mountains. Entre elas produzem um vale conhecido como Great Basin, o que faz com que o território seja misto na caracterização do relevo. O mesmo acontece em relação ao clima. As nuvens provenientes do Pacífico ficam retidas nas montanhas, o que provoca um clima chuvoso e húmido no litoral, e um clima seco no vale, à semelhança das Great Plains:

The mountains act as barrier to weather, too. Rain clouds sweeping in from the Pacific rise as they cross the mountains. The warm air condenses as it moves into the colder mountaintops and falls as rain, usually west of the mountains. The Great Basin and the Great Plains to the east remain much drier (Davidson, 2015, p. 6).

Quanto à Florida, trata-se de uma península a sul, no enfiamento da faixa costeira atlântica. Tanto o seu clima, como o seu terreno assemelham-se à maioria das ilhas das Caraíbas. Geopoliticamente, este território tem uma importância ainda mais significativa pela sua colocação. A posição privilegiada facilitou o lançamento da segunda fase geopolítica, o controlo do golfo, e a progressiva expulsão das potências europeias da região.

C: Do Texas à alta Califórnia, o terreno é sobretudo desértico e plano. Trata-se de um território rico em recursos fósseis, *America has the world's largest reserves of coal, at 491 billion short tons or 27% of the total. This abundant source of energy helped fuel U.S. growth during the Industrial Revolution*” (Amadeo, 2018). Geralmente apresenta a simulação de uma savana, em algumas partes deserto, com temperaturas muito altas, e praticamente sem chuva. Uma geografia com paisagens amareladas e extensíveis por quilómetros de vegetação rasteira.

Ao chegar à Califórnia, o ambiente rigoroso diminui, com as temperaturas a baixarem um pouco, e a vegetação a florir com mais diversidade. A Califórnia apresenta condições

agrícolas muito vantajosas, e destaca-se pela riqueza de minérios a norte, sobretudo ouro e prata. A sua abundância seria tal que levou muitos entusiastas a viajar para oeste em busca de alguma sorte e fortuna, *“Extractive activities have been a major part of the economies of North America for hundreds of years. For example, gold mining helped spur development in the U.S. states of California and Alaska in the 19th century”* (McDaniel, et al., 2012).

3. Tempo

A: Em termos estratégicos, a conceção de momento, duração, e ritmo são de difícil análise. Existe um momento, mas não propriamente um ritmo ou duração. A ação ecoa num momento de estabilidade financeira da tesouraria americana, combinada com o aproveitamento da conjuntura europeia, que implodia graças às disputas internas. Os americanos nunca poderiam ter previsto as circunstâncias em que esta iniciativa seria efetuada, pelo menos não com uma antecedência grande, contudo o plano de construção, na vertente económica, tinha dado frutos, e haveria, à altura, a possibilidade de investir.

B: A guerra começou em 1812 e estendeu-se até 1815, com os ingleses a acordarem a partilha e o estabelecimento das novas fronteiras em 1818, cumprindo uma duração estratégica de seis anos. Num momento de imposição da política externa norte-americana, e com sucesso ao nível de ritmo. Em relativamente pouco tempo, os americanos conseguiram a partilha de uma grande porção de território no Noroeste, alcançando assim a ligação entre Atlântico e Pacífico.

C: Os texanos proclamaram a independência em 1836, e o governo federal só interveio quando estes passaram a fazer parte da União, em 1846. Este foi o momento escolhido, e terá sido perfeito do ponto-de-vista estratégico. Os EUA deparam-se a partir daí, com um opositor enfraquecido, e as hostilidades não duraram mais de dois anos, mantendo um bom ritmo e uma duração controlada. Na minha opinião, este trata-se de um excelente exemplo em como o elemento tempo terá sido bem aplicado, de acordo com a teoria da Estratégia.

D: Vimos pelo quadro da Fig. 21, que os EUA ganharam dezanove estados federados entre 1791 e 1859. A deslocação da população para Oeste, originava novas colónias e postos fronteiriços. Depois de formada a nova comunidade, a região evoluía para território organizado, até ser admitido na União como membro oficial da Federação. Ao contrário do caso do

Louisiana, aqui não existe um momento, mas sim um ritmo e uma duração, e nesse aspeto, a organização de quase duas dezenas de estados em sessenta anos, caracteriza um ritmo estratégico impressionante.

4. Contrário

A: Normalmente concebemos a situação estratégica perante um ambiente de desacordo, onde o contrário oferece resistência e tenta contrariar a nossa ação. Neste caso, essa classificação não se aplica, uma vez que a transferência do Louisiana foi algo combinado entre duas partes em acordo e sem oposição, pelo que a análise de contrário aqui acaba por ser uma pequena formalidade.

A França era uma velha conhecida dos americanos. As relações entre os dois países sempre foram amistosas graças à conexão ideológica, e à proximidade dos ideais políticos. A conflitualidade com a Grã-Bretanha aproximou os dois Estados, pela compreensão do benefício mútuo que traria o enfraquecimento dos ingleses, mas nem toda a gente via com bons olhos esta amizade, *“Por outro lado, os federalistas viam a França revolucionária como o epítome do pior na sociedade humana, o resultado daquilo que acontecia quando uma nação abandonava os princípios tradicionais do respeito e da hierarquia social”* (Jenkins, 2012, p. 81). O clima político emergente da revolução mergulhou o país num cenário anárquico, sendo que esse ambiente acabou por se refletir nas relações internacionais. Só com a subida de Napoleão ao poder é que os ânimos acalmaram, com a ordem a ser restaurada, e as relações com os aliados normalizadas.

B: Embalados pelas vitórias em Trafalgar e Waterloo, a Grã-Bretanha iria entrar de novo em confronto com os EUA, e apesar do insucesso da campanha militar, não se pode dizer que desta vez que tenham perdido a guerra. No fim, o acordo de paz de 1814 fez-se mais pela pressão interna nos bastidores da política americana, do que pela inviabilidade em prosseguir com o conflito, *“the Treaty of Ghent did not resolve the issues that had caused the war, but at that point Britain was too weary to win it, and the U.S. government deemed not losing it a tolerable substitute for victory”* (Britannica Educational Publishing; Rosen Educational Services, 2010, p. 228). Robert Banks Jenkinson, segundo Conde De Liverpool, enquanto primeiro-ministro, e político de carreira com experiência em diferentes cargos, conseguiu tirar partido da fragilidade

da administração americana, assinando um acordo que salvaguardava as possessões dos britânicos no continente, e limitaria as ambições dos americanos.

Quanto à Espanha, a reconquista da autodeterminação revelou fragilidades a nível político e económico. Sem a força de outros tempos, e perante tanta competitividade, gerir um império tão vasto revelou-se um enorme desafio, pelo que teriam de ser feitas opções. Apesar dos esforços para manter as possessões, os espanhóis não tinham capacidade para controlar tantos focos de rebeldia, e a história ditaria que em pouco mais de dez anos acabassem por perder praticamente todo o império:

Mas não foi apenas a Península que sofreu os efeitos devastadores da guerra. Enquanto se encontrava submetida à desordem administrativa e ideológica da metrópole, a Espanha assistia indefesa à escalada das pretensões secessionistas dos territórios ultramarinos (...) (Cortázar & Vesga, 1997, p. 311).

C: Desde a independência que o México não encontrava estabilidade devido às múltiplas fações e revoltas que emergiam em vários pontos do país, provocando golpes de estado e sucessivas quedas de governos, assim como das constituições que os suportavam. Neste clima surgiu Antonio Lopez de Santa Anna, um oficial ambicioso, com apoio entre as variadas classes da sociedade, que se revelou uma das faces da revolta, incorporando movimentos que o levariam ao poder em mais do que uma ocasião:

The Bases de Tacubaya allowed Santa Anna to impose order in the country and create a stable context in which to forge a new and liberal constitution. From his point of view, “without order there can be no laws, and without laws, there can be no freedom (Fowler, 2007, p. 215).

O centralista foi uma figura incontornável durante a independência do Texas e da guerra com os EUA, e embora não fosse o presidente em exercício durante todo o decorrer dos conflitos, a sua esfera de influência estendia-se aos mais altos cargos administrativos. A população do México era inferior à dos EUA em número, contudo os mexicanos acreditavam que a sua experiência, e a sua tradição de combate baseada no modelo austríaco seria suficiente para vencer:

“The Mexican army expected to win a war with the Americans. It was four times larger than the Americans' and had been tried in a decade of fighting. A London Times correspondent in 1845 reported that Mexican soldiers 'are superior to those of the United States’ (Katcher & Embleton, 1976, p. 19).

D: Os nativos estavam organizados em tribos, um sistema arcaico e familiar onde o poder político estaria atribuído a um patriarca. As tribos faziam parte de nações consoante a sua espiritualidade, e estas apregoavam um sentido confederativo, unindo-se para finalidades comuns: *“Just as the Native Americans had no common religion, they had no universal mythology”* (Spence, 2017, p. 5).

“Em 1830, Jackson assinou o Indian Removal Act. Estas ações eram provavelmente ilegais e arbitrárias, e Jackson ignorou a condenação do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Durante a década seguinte, as tribos civilizadas foram desenraizadas, muitas vezes à ponta das baionetas do exército dos Estados Unidos” (Jenkins, 2012, p. 89).

A opressão exercida pelo governo conduziu a brutalidades de parte a parte, que quase resultaram na extinção do povo índio, *“Entre 1820 e 1845, o número de Índios que viviam a leste do Mississípi diminuiu provavelmente de 120 000 para menos de 30 000”* (Jenkins, 2012, p. 89). Ainda assim, criaram muitas dificuldades aos *settlers* na fronteira, atrasando o progresso da colonização, ora por meio da guerra, ora por meio da diplomacia. O líder Tecumseh ficou conhecido pela sua tentativa de convergir todas as nações a lutar ao lado dos ingleses na Guerra de 1812, *“There he brought together perhaps the most formidable force ever commanded by a North American Indian, an accomplishment that was a decisive factor in the capture of Detroit and of 2,500 U.S. soldiers (1812)”* (Britannica Educational Publishing; Rosen Educational Services, 2010, p. 217). Mais tarde, outros seguiram o seu exemplo, como o chefe Apache Geronimo, mas o esforço para travar os americanos não foi suficiente. Em termos de recursos, os nativos estavam literalmente dependentes do adversário, fazendo-se valer daquilo que conquistavam em batalha, o que tornava o confronto bastante desigual. As suas armas originais não passavam de instrumentos obsoletos de caça, que não poderiam fazer frente ao apoio logístico, e ao poder de fogo trazido pelos colonizadores.



Figura 24: A Distribuição das Tribos pelo Território

Fonte: Journal of Ethnic Foods, 2016. Map of USA depicting the location of major Native American tribes, Escala N. 1., [map]. Amsterdam: Science Direct. Available at: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352618116300750>. [Acedido em 23 janeiro 2019].

a) Plano

Mais do que um objetivo geopolítico, a expansão era uma obrigação. Uma forma de garantir a sobrevivência do Estado, num continente onde as potências europeias ainda teriam o controlo. Até uma certa altura, o plano passava pela afirmação através do alargamento do território, mas a partir do momento em que os EUA se colocaram num plano de igualdade com os vizinhos, a sua condição evoluiu, e o plano passou a ser garantir o controlo do continente, chegar de costa a costa, e expulsar os europeus, de acordo com aquilo que tinha sido previsto na primeira fase geopolítica.

b) Manobra

A: Fazendo-se valer das boas relações com a França, os americanos sondaram o governo francês quanto à possível aquisição da cidade de New Orleans, “*When American ministers put forth the question to Napoleon’s government, they were surprised to find all of Louisiana for sale*” (Shearer, 2004, p. 9). Com consciência dos planos de Napoleão para a Europa, Thomas Jefferson deu ordem de compra ao seu gabinete:

(...) em março de 1803, Jefferson enviava a Paris um dos «pais fundadores», James Monroe, que fora ali embaixador durante a Revolução Francesa, com instruções para oferecer até 50 milhões de francos por Nova Orleães. Antes disso, o embaixador da altura, Robert Livingston, já fora adiantando as conversações. E, para seu grande espanto, a ideia não parecia descabida aos franceses. Quando Livingston se preparava para uma recusa do lado francês em ponderar sequer a proposta, terá ouvido o ministro dos Negócios Estrangeiros, Charles-Maurice Talleyrand, perguntar «E vocês têm dinheiro?» (Caetano, 2016, p. 64).

Perante a abertura para negociar, os embaixadores americanos encetaram então negociações com o governo francês: “*He made Monroe and Livingston an offer they couldn’t refuse. The whole Louisiana Territory could be theirs for \$15 million*” (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 99). Mas seria tudo isto legal do ponto-de-vista constitucional?

(...) a constitucionalidade do negócio levantava as maiores dúvidas, não só à oposição, como a membros do seu partido, e, ao que consta, até a ele. Mas resolveu encerrar o assunto, anunciando que, pela leitura que fazia dos poderes presidenciais, a decisão lhe caberia a si próprio” (Caetano, 2016, p. 65).

B: O acordo de paz de 1814 enterrou a rivalidade entre Estados Unidos e Grã-Bretanha, “*Then in 1818, the two nations agreed further to a U.S.-Canadian border at 49° latitude from Lake of the Woods to the crest of the Rockies. They also agreed to joint occupation of the Oregon country*” (Shearer, 2004, p. 11). Seguiu-se a Espanha. Apercebendo-se da situação interna, o presidente James Monroe quis tirar proveito da sua debilidade, “*Agreement between the United States and Spain was reached in 1819; the United States would take possession of Florida for the payment of \$5 million in U.S. claims against Spain*” (Shearer, 2004, p. 11).

C: Os Estados Unidos tinham acabado de segurar o controlo individual do Oregon. O próximo passo seria juntar o Texas à União, numa manobra controversa pelas implicações internacionais que adviriam, “*With Oregon in hand, he moved on the newly independent Texas (won from Mexico in 1836). It had been turned down for statehood repeatedly by Congress for fear of war with Mexico*” (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 103). Isso não impediu o governo de fazer nova investida, e na última tentativa, o antecessor John Tyler sugeriu uma “resolução conjunta”: “*A joint resolution is almost the same as a bill, and in the case of Texas it sped along the process – requiring only a simple majority vote in each house*” (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 103). A ambição do presidente Polk não ficaria por aí. Surgiu a oportunidade de adquirir também o New Mexico e a Northern California, e uma vez que o México recusou as propostas

de compra, James Polk forçou o conflito ao enviar tropas americanas para uma zona em disputa, enquanto enviava diplomatas à Ciudad de México para negociar uma nova fronteira:

On shaky constitutional ground, he demanded a declaration of war from Congress based on Mexico's failure to pay claims of U.S. citizens and for snubbing Slidell's diplomatic overtures. The same evening that his demand was walked over to Congress, an aggressive band of Mexican soldiers swept across the Rio Grande into an encampment and killed some American troops (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 103).

Perante este cenário, o Congresso não teve escolha senão declaração de guerra, que culminaria com a passagem dos territórios para o lado americano em troca de uma compensação monetária. Polk ludibriou o Congresso, mas a sua manobra funcionou na perfeição.

D: Já dissemos que a população seria um dos meios mais significativos, e neste sentido, surge como o sustento da manobra. Desta forma, o Congresso aprovou as normas para a admissão de novos estados; e o governo criou os incentivos para a deslocação e fixação da população no Oeste:

On July 13, 1787, Congress passed the Northwest Ordinance, which set the pattern for the admission of future states to the Union. After Congress organized a territory with a governor, a secretary, and a court of three judges, a general assembly would be elected when there were "five thousand free male inhabitants of full age" in the district. When the territory's population reached "sixty thousand free inhabitants," the territory could be admitted to the Union if it had developed a republican constitution and government in conformity with the law. Provision was also made to permit the entry of territories into statehood if the number of free inhabitants was less than sixty thousand and it was in the interest of the nation (Shearer, 2004, p. 5).

Federal land policy promoted the settlement of new territories. In 1796, Congress provided for the sale of land parcels of one square mile (640 acres) for \$2.00 per acre. Purchasers had one year to pay for their claim. Four years later, the Harrison Land Act permitted sales of 320-acre plots at the same price per acre, but with four years of credit available to buyers. And in 1804, 160-acre plots were put up for sale at only \$1.64 an acre. With the 1820 land act, 80-acre plots could be purchased for \$1.25 an acre, but credit was no longer available. The public lands had been surveyed, and buyers received clear titles to their land. Large land development companies had been formed that purchased vast tracts of public land and resold parcels to settlers at a profit, but cheaper land in smaller parcels made direct purchases by the settlers themselves possible (Shearer, 2004, p. 10).

Região	População Total (milhões)
Nova Inglaterra	2,73
Atlântico Centro	5,90
Atlântico Sul	4,68
Centro Norte Leste	4,52
Centro Sul Leste	3,36
Centro Norte Oeste	0,88
Centro Sul Oeste	0,94
Montanha	0,07
Pacífico	0,10
Total	23,20

Figura 25: Quadro da Distribuição da População Nacional em Regiões 1850

Fonte: Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.

c) Modelo Comportamental

A História mostra-nos que grande parte das aquisições territoriais, foram fruto de situações de fragilidade ocasional do contrário, num ambiente em constante mutação, numa zona de grande instabilidade política. Os americanos não planearam a revolução francesa, nem a ocupação da Espanha, a independência do México, ou a nova investida dos ingleses, e como tal tiveram de adaptar a sua estratégia expansionista aos desenvolvimentos externos. Por outras palavras, mais do que o planeamento, tratava-se de esperar pelo momento oportuno para atuar: *“The United States planned to pick away at this grand swath of territory, acquiring it over time. For the moment, however, Spain controlled all traffic on the Mississippi”* (Imagine Publishing Ltd, 2015, p. 98).

d) Posição

Numa conceção geopolítica, os americanos tinham quatro contestantes ao seu redor, Grã-Bretanha a norte; França, Espanha e nações índias a Oeste. Ou seja, partiram numa posição de desvantagem, uma vez que os seus opositores ainda controlavam a maioria do território. A compra do Louisiana veio alterar o tabuleiro geopolítico. Mais do que um aumento territorial, revelou-se uma importante conquista de posição, pois os EUA passaram a ser o maior contendor

de território, colocando-se a partir daí numa condição de superioridade geográfica, eliminando um dos contrários. Seria uma questão de tempo até conquistar a posição dos restantes.

e) Perspetiva

Na qualidade de Estado recém-formado, a perspetiva do governo norte-americano colocava um Estado em construção, perante um conjunto de império coloniais em concorrência direta. E se por um lado, esta disputa constituía um perigo para as suas fronteiras, por outro significava uma condição a explorar, devido ao desgaste causado pela competição. Habilmente os americanos compreenderam que uma ação expansiva representava uma imposição de força, que minaria o ímpeto dos adversários, e consequentemente decresceria a ameaça às suas fronteiras. Traduzindo em termos estratégicos, tornou-se claro para as administrações que, a única maneira de proteger a sua posição, seria alcançando a contrária. E desde o momento em que essa força ficou demonstrada através da aquisição do Louisiana, o restante acabou por ser a inevitável exploração do favorecimento geopolítico e conjuntural.

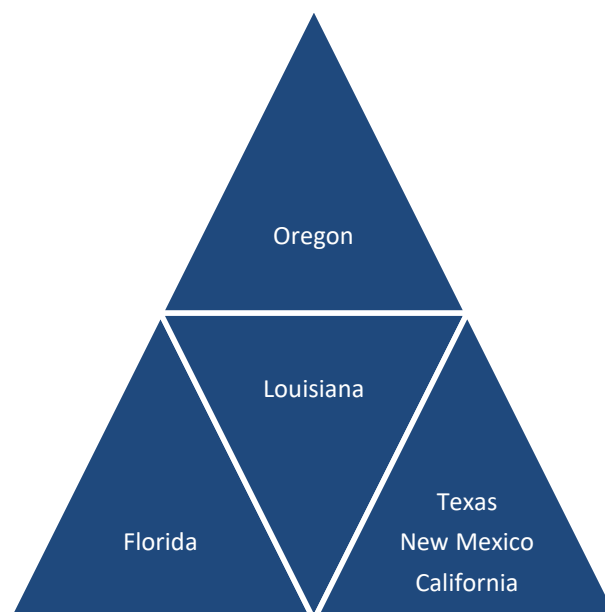


Figura 26: Louisiana, A Chave da Expansão

III. UM RETROCESSO INESPERADO

O mapa económico dos EUA ditou que o Norte fosse composto por grandes centros urbanos, que facilitariam o desenvolvimento da revolução industrial, o florescimento da indústria, e do grande capital. Em oposição, o Sul seria composto de grandes latifúndios, e por uma densidade populacional dispersa, que levou os sulistas a apostar numa forma de sustento mais primário, como a agricultura. Milho, tabaco, arroz ou cana-de-açúcar, eram alguns dos produtos que se deram bem na região, contudo nenhum produziu resultados como o algodão, ao que descreve James West Davidson (2015, p. 124), “*By 1860 so many fields had been cleared that three-quarters of the entire world’s supply of cotton came from the South*”. O problema relativo à produção de algodão prendia-se com facto de ser uma colheita demasiado trabalhosa, exigente em mão-de-obra e dedicação. Exigência essa que seria colmatada através de trabalho escravo, num negócio que se tornou extremamente lucrativo, e vital para a economia do Sul. Caitlin Rosenthal (2018) fala desta relação entre o lucro, e a metodologia de trabalho:

“Many slaveholders were skilled businesspeople, and plantation record books offer a paper trail that shows how they blended violence and innovation in the pursuit of profit. Planters tracked enslaved people’s productivity with a level of attention akin to that used by most contemporary factory managers.

O apoio ou a oposição a este método tornou-se uma matéria com dimensão na esfera política, pois metade da *House of Representatives* era proprietária de escravos, ou conectada ao negócio do algodão, normalmente por parte de membros do Partido Democrata. À medida que o negócio ia aumentando, crescia também um dilema na sociedade americana que confrontava os próprios alicerces ideológicos do Estado, e que levaria a um longo debate público, dividindo a sociedade americana durante décadas. Como nos explica Philip Jenkins (2012, p. 94), “*O sentimento contra a escravatura aumentou no fim do século e a maioria dos estados nortenhos aboliu esta instituição, começando em Vermont em 1777 e acabando em Nova Jérnia em 1804*”.

Esta onda abolicionista no Norte, criou um conflito de interesses, somente equilibrado pela paridade de estados contra e a favor. Na aprovação de novos estados na União, a tendência era seguir o estatuto de acordo com a região onde estivessem inseridos, ou seja, o padrão seria os estados a norte declararem-se não-esclavagistas, e os do Sul esclavagistas, num procedimento igualitário que manteria o sistema a funcionar. A entrada do Missouri quebrou o paradigma. Ao ser admitido como um estado esclavagista incorporado no Norte, desequilibrou a balança, e obrigaria o governo federal a procurar uma resolução para corrigir esse

desequilíbrio. O compromisso do Missouri estipulou assim que todos os estados, a partir de então, adicionados a norte do paralelo 36° se declarariam livres, enquanto a sul teriam a permissão da prática da escravatura, “*Congress prohibited slavery in the old Louisiana Purchase territory above 36°30’, with the exception of the state of Missouri*” (Shearer, 2004, p. 11).

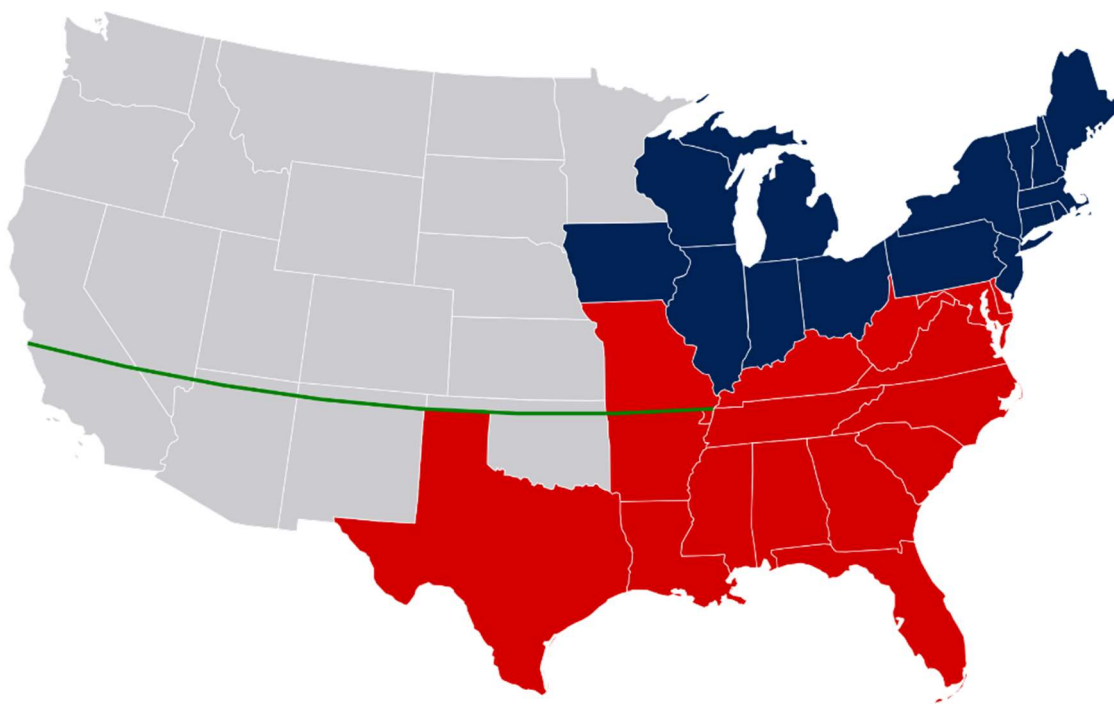


Figura 27: O Compromisso do Missouri, 1820⁶

Fonte: Reis, J., 2009. *Extension of the Missouri Compromise Line westward was discussed by Congress during the Texas Annexation in 1845*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Missouri_Compromise. [Acedido em 04 fevereiro 2019].

A possibilidade dos novos territórios da Califórnia e do New Mexico serem associados como livres gerou o pânico no Sul. A concretizar-se, permitiria uma maioria não-esclavagista no Congresso, com capacidade para abolir de vez a escravatura. Além desta incógnita, as políticas do Norte há muito que provocavam o descontentamento entre os sulistas. O governo federal impôs tarifas sobre a exportação de algodão, e dificultaram o negócio direto com os ingleses, a fim de garantir o controlo federal sobre a produção, e alimentar a indústria de New

⁶ Os territórios a vermelho representam os estados esclavagistas, enquanto os territórios a azul representam os estados livres. O espaço a cinzento simboliza o território não organizado, e a linha verde o Acordo do Missouri.

England. A quebra do rendimento sulista, e o suposto favorecimento do Norte fez disparar a tensão entre as duas facções, aumentando assim o número de apoiantes de uma possível secessão. Uma das vozes dessa indignação foi o senador da South Carolina John C. Calhoun:

Calhoun said that the revenues and disbursements of the government favored the North at the South's expense. All in all, he declared "What was once a constitutional Federal Republic is now converted, in reality, into one as absolute as that of the Autocrat of Russia, and as despotic in its tendency as any absolute Government that ever existed (Shearer, 2004, p. 15).

Em 1860, o candidato democrata John C. Breckinridge não foi capaz de derrotar o republicano Abraham Lincoln nas presidenciais, o que constituiu uma verdadeira afronta ao Sul. Ainda nesse ano, a South Carolina proclamaria a secessão unilateral da União, numa atitude que outros seguiriam:

Em inícios de fevereiro, outros seis estados saíram da união, incluindo a Florida, a Geórgia, o Alabama, o Mississipi, a Luisiana e o Texas, e os governos rebeldes formaram os novos Estados Confederados da América, com o seu próprio presidente na pessoa de Jefferson Davis (Jenkins, 2012, p. 135).

Lincoln tomou posse em março, e mostrou-se relutante quanto a esta situação, mas só reagiu após o ataque sulista ao Fort Sumter em abril, quando a bandeira dos Estados Unidos foi vandalizada. A Guerra Civil tinha começado. A análise da estratégia geopolítica neste ponto torna-se um pouco complexa. Se até agora tínhamos analisado as noções geopolíticas, e os respetivos elementos estratégicos através da perspetiva de um ator, durante a Guerra Civil, passamos a ter dois atores e duas formas de leitura geopolítica. Ainda assim, para efeitos de análise estratégica irei tomar a posição da União, no seguimento do Estado já existente, e que temos vindo a analisar. A Confederação surge aqui na condição de Estado autoproclamado, sem reconhecimento internacional, e não obstante o facto de serem americanos de plenos direitos, representarão aqui o papel de contrário.

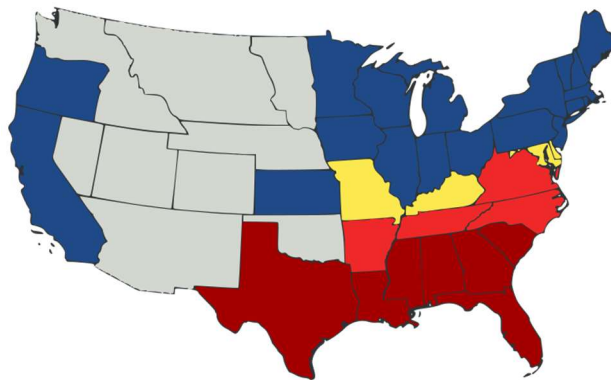


Figura 28: Os Estados Unidos no início da Guerra Civil Americana, 1861⁷

Fonte: Reis, J., 2007. US Secession map 1861, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/File:US_Secession_map_1861.svg. [Acedido em 06 fevereiro 2019].



UNITED STATES OF AMERICA 	CONFEDERATE STATES OF AMERICA 
Maine	Texas
New York	Arkansas
New Hampshire	Louisiana
Vermont	Tennessee
Massachusetts	Mississippi
Connecticut	Alabama
Rhode Island	Georgia
Pennsylvania	Florida
New Jersey	South Carolina
Ohio	North Carolina
Indiana	Virginia
Illinois	
Kansas	
Michigan	
Wisconsin	
Minnesota	
Iowa	
California	
Nevada	
Oregon	

Figura 29: A Divisão dos Estados Norte-Americanos

⁷ Os territórios a vermelho escuro e vermelho claro representam o território dos confederados (os a vermelho escuro separaram-se primeiro), enquanto os azuis representam a União. Os territórios a amarelo incorporam a União, apesar de se declararem escravagistas. O território a cinzento constitui território não organizado, sob o controlo da União.

1. Meios

Na qualidade de Estado soberano e reconhecido, a União era naturalmente o lado superior em meios. O Norte controlava o exército, a marinha, a maior parte do armamento, e o grosso da indústria que dela estava dependente. Como vimos anteriormente, o exército dos EUA em serviço ativo limitou-se aos poucos milhares durante a maior parte do séc. XIX, oscilando consoante a necessidade de intervenção militar, ou a presença de ameaças. Foi a Guerra Civil que veio quebrar essa rotina. Graças ao recrutamento, o número de soldados destacados disparou para mais de cem mil homens numa primeira fase da guerra, apesar das deserções verificadas entre soldados e oficiais que tomaram o lado do Sul. Como nos explica Philip Jenkins (2012, p. 138), *“Durante o inverno de 1861-1862, os esforços nortistas concentraram-se na criação de um poderoso exército do Potomac, com cerca de 150 000 homens, sob o comando do general George McClellan”*. De acordo com os dados apresentados pelo site nps.gov (2015, p. 2015), conectado ao U.S. Department of Interior, estes apontam no total mais de dois milhões e seiscentos mil alistamentos a favor da União, contudo nunca o exército registou uma força à disposição perto desses números:

In July 1861, the two armies were nearly equal in strength with less than 200,000 soldiers on each side; however at the peak of troop strength in 1863, Union soldiers outnumbered Confederate soldiers by a ratio of 2 to 1. The Size of Union forces in January 1863 totaled 600,000”.

Por detrás deste grandioso exército estava uma forte estrutura económica a sustentá-lo. De acordo com Jenkins (2012, p. 137), terá sido essa uma das grandes vantagens dos nortistas:

A estratégia militar na guerra era condicionada pelas diferentes estruturas económicas das duas regiões e pelas suas diferentes orientações internacionais. O Norte era muito superior em população e recursos industriais, com três vezes mais homens brancos em idade militar.

Capital (USD)	234 000 000\$
População	18,5 Milhões
Indústria (quantidade de fábricas)	101,000
Empregados fabris	1,1 Milhões
Linhas férreas (milhas)	20,000

Figura 30: Quadro dos Meios Económicos da União

Fonte: National Park Service, 2015. *The Civil War: Facts*. [Online]. Available at: <https://www.nps.gov/civilwar/facts.htm>. [Acedido em 12 fevereiro 2019].

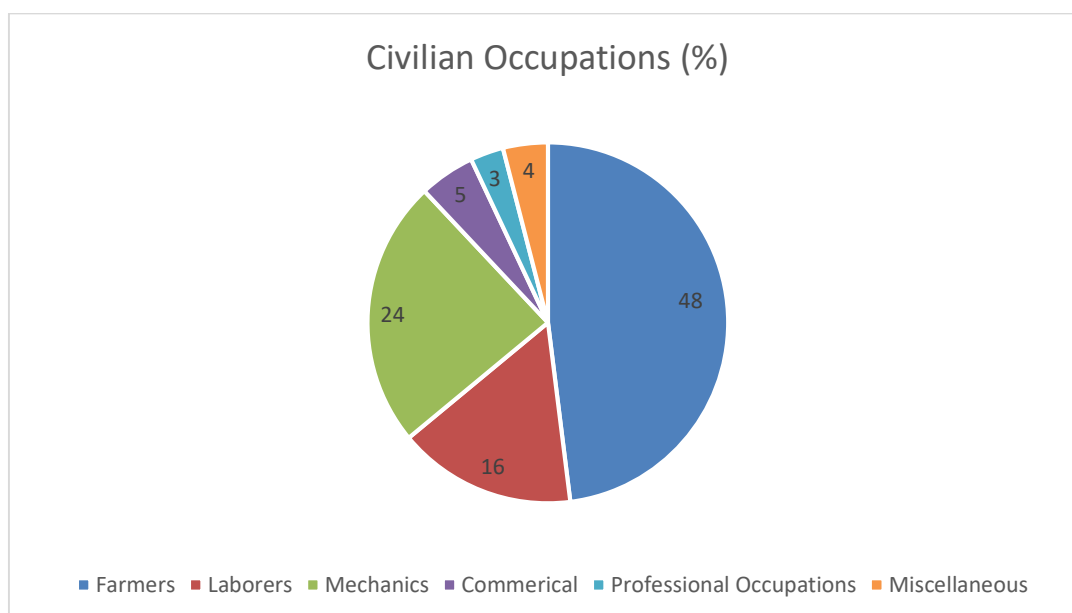


Figura 31: Gráfico sobre a Ocupação dos Civis

Fonte: National Park Service, 2015. *The Civil War: Facts*. [Online]. Available at: <https://www.nps.gov/civilwar/facts.htm>. [Acedido em 12 fevereiro 2019].

À frente do governo que conduzia esta União estava Abraham Lincoln, um jovem senador do Illinois, advogado de profissão, com uma mentalidade e um sentido progressista, “*The party chose Lincoln, in part because he was a westerner whom many thought might appeal to those voting in the new western territories and states. Also, Lincoln’s political involvement so far had not gathered him many enemies*” (McNeese, 2009, p. 24). Contudo, apesar da sua presença e consensualidade no meio político, o candidato não era propriamente popular a Sul. Lincoln era contra o sistema escravagista por acreditar que ia contra os princípios de um Estado

livre, mas sobretudo porque o escravagismo criava barreiras que punham em causa o sentido unitário da federação, “*Em 1862, escreveu que o seu objetivo principal era salvar a união e se isto pudesse ser feito libertando alguns, todos ou nenhum dos escravos, faria isso: «Aquilo que faço em relação à escravidão e à raça de cor, faço-o porque isso ajuda a salvar esta união.»*” (Jenkins, 2012, p. 134)⁸.

No cargo, a sua imagem foi um pouco posta em causa. A guerra estava a demorar mais que o esperado, e a opinião pública não estava impressionada com a condução do país. Ainda assim, Lincoln mostrou-se um líder de grande carácter, tomando decisões e medidas que iam contra a opinião pública, mas que na sua perspetiva beneficiariam o país a longo prazo: “*He declared that the slaves in all rebellious or seceded states were to be freed as of January 1, 1863*” (McNeese, 2009, p. 30); “*A house divided against itself cannot stand. I believe this government cannot endure, permanently half slave and half free... It will become all one thing, or all the other*” (Lincoln cit. in McNeese 2009, pp. 22-23).

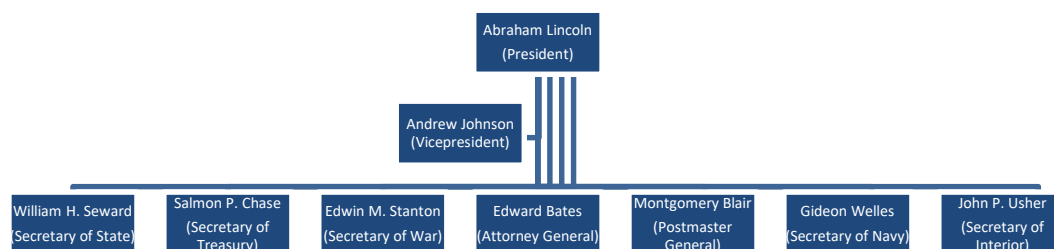


Figura 32: O Governo da União

Fonte: Sandbox Networks, Inc., s.d. *Cabinet Members Under Lincoln*. [Online]. Available at: <https://www.infoplease.com/history-and-government/government-officials/cabinet-members-under-lincoln>. [Acedido em 29 abril 2019].

2. Meio

A Guerra Civil foi confrontada em duas frentes, uma no Oeste, outra na costa leste, sendo que a maioria dos combates tiveram lugar na zona entre o Maryland e a Georgia. Os

⁸ A cruzada de Lincoln em relação à escravidão é duvidosa, revelando-se mais uma iniciativa de campanha, do que propriamente um ideal político. Ainda durante a corrida ao Senado, a resposta ao escravagista e concorrente Stephen Douglas, que acusou Lincoln de querer a igualdade racial entre brancos e negros, resultou numa das afirmações mais controversas da sua carreira, “*I am not, nor ever have been, in favor of bringing about in any way the social and political equality of the white and black races*” (cit. in McNeese 2009, p. 23).

primeiros tiros da guerra foram disparados no Fort Sumter, junto ao porto de Charleston (SC), mas a primeira vez que os dois exércitos se encontraram frente a frente terá sido no entreposto de Manassas na Virgínia. Pelo que vimos na guerra da Independência, o meio tende a favorecer um estilo de combate irregular e disperso, contudo ambos os exércitos praticavam um tipo de guerra semelhante, baseando-se nos ensinamentos de West Point. No entanto, a posição defensiva, e a ligação pessoal ao meio, pelo facto de estarem a defender as suas casas, conferiu aos confederados alguma vantagem.

Fort Sumter – Sullivan’s Island (SC)	Fort Pulaski - Savannah (GA)	Gettysburg (PA)
Manassas (VA)	Richmond (VA)	Chikamauga – Fort Oglethorpe (GA)
Wilson’s Creek - Republic (MO)	Antietam – Sharpsburg (MD)	Kennesaw (GA)
Fort Donelson - Dover (TN)	Fredericksburg (VA)	Monocacy – Frederick (MD)
Pea Ridge (AR)	Stones River – Murfreesboro (TN)	Petersburg (VA)
Shiloh (TN)	Vicksburg (MS)	Appomattox (VA)

Figura 33: Quadro das Principais Batalhas e Locais

Fonte: Sauers, R., 2013. *Civil War Battlegrounds: The Illustrated History of The War's Pivotal Battles and Campaigns*. Minneapolis: Zenith Press.

3. Tempo

Mesmo após a secessão de vários estados, Lincoln decidiu aguardar e tentar reconstruir o país sem ter de fazer uso da força, mas tal não foi possível. As vias diplomáticas esgotaram, e aos primeiros tiros dados pelo Sul, o governo reagiu de imediato. O ataque ao Fort Sumter marcou o momento.

Era suposto uma incursão eficaz e dominadora resolver o problema, esmagando os rebeldes e a sua iniciativa. Nunca Lincoln esteve tão enganado. A verdade é que o exército federal subestimou as forças rebeldes, e aquilo que parecia ser um conflito de poucos meses, transformou-se numa longa guerra de cinco anos. Um ritmo muito pouco assertivo para um exército que seria muito maior em meios e capacidades. A persistência da defesa confederada fez a diferença nos primeiros tempos da guerra, tendo atrasado todo o conflito.

4. Contrário

Do ponto-de-vista da organização política, a Confederação revelava uma organização surpreendente. Em relativamente pouco tempo, treze estados secessionistas formaram uma legislatura com um governo conjunto, uma constituição própria, e umas forças armadas para repelir os invasores e garantir a segurança de cerca de cinco milhões e meio de pessoas. No que respeita à identidade nacional e ao sentido de união, essa organização já não era tão expressiva.

Como referido anteriormente, o Sul era composto por uma população muito dispersa e desconectada, que vivia em pequenas aldeias ou vilas, de acordo com as suas normas sociais, sem qualquer tipo de ideal político, e sem interesse numa secessão ou numa guerra que afetasse o seu modo de vida simples. Diz Daniel Sutherland (2009, p. 101) que, *“Joseph Keifer observed that “dissatisfied” rebel soldiers from Kentucky and Tennessee were deserting in largenumbers. They claimed, he said, to have “enlisted for the defense of their homes & for no other purpose.”*. O movimento secessionista e confederativo partiu sobretudo da aristocracia sulista, que via com bons olhos a liberalização dos negócios e a isenção das taxas e leis apresentadas pela federação. A particularidade é que esta sociedade vivia num sistema feudal semelhante ao da idade média na Europa, em que tinha o controlo sobre grande parte das cidades e das terras habitadas que estivessem dentro dos seus condados. Os proprietários governavam e exerciam a sua lei, e no caso de guerra, recrutavam os seus constituintes para integrarem a milícia privada. Como vemos em Sutherland (2009, p. ix), muitos alistaram-se por livre vontade através desse ramo, *“Large numbers of Confederates wanted to fight as guerrillas in the spring of 1861. Southern history and culture drew them to this style of warfare, and they never questioned its value”*.

As forças confederadas eram em metade compostas por um exército regular ao serviço do congresso da Virginia, e outra metade através de milícias privadas, patrocinadas pelos proprietários das terras. Juntos alinharam fileiras lado a lado, e numa primeira fase, ajustaram uma estratégia conjunta que deu resultados positivos, mas a longo prazo, os interesses individuais sobrevalorizaram-se, e sem um mecanismo hierárquico sólido que consolidasse a união, o exército acabou por se desfazer. Ainda assim, de acordo com os dados fornecidos pelo nps.gov, mais de setecentos e cinquenta mil homens aguentaram a defesa da Confederação por quatro anos, juntamente com um corpo de generais carismáticos, tais como Robert E. Lee,

Thomas “Stonewall” Jackson, James Longstreet, Pierre Beauregard e Braxton Bragg, *“Enlistment strength for the Confederate Army ranges from 750,000 to 1,227,890. Soldier demographics for the Confederate Army are not available due to incomplete and destroyed enlistment records”* (National Park Service, 2015).



Figura 34: The Flag of Dixie⁹

Fonte: History Net, s.d. Battle Flag of the Army of Northern Virginia - [image]. Vienna (VA): historynet.com. Available at: <https://www.historynet.com/civil-war-flags>. [Acedido em 22 fevereiro 2019].

Comparado com o Norte, o Sul era inferior em meios, e muito menos desenvolvido. O governo de Jefferson Davis não tinha capacidade para sustentar um território tão vasto, sobretudo em tempo de guerra. Os sucessos militares dos dois primeiros anos mascararam as fragilidades económicas e estruturais que atingiam sobretudo as periferias da Confederação. A partir de 1863, essas fragilidades tornaram-se demasiado evidentes, com a Confederação a entrar em recessão, ao ponto de não ter comida para alimentar os civis, *“Already food had become so scarce that in several southern cities women rioted, demanding bread. To pay for the war, the Confederacy ended up simply printing money, which over time became nearly worthless”* (Davidson, 2015, pp. 164-165). Nem o apoio estrangeiro conseguiu salvar o Sul. Os confederados nunca tiveram aliados assumidos com participação oficial, contudo houve uma série de potências que se disponibilizaram para apoiar a Confederação através de incentivos ou apoio logístico, como foi o caso da Grã-Bretanha ou da França, *“Os círculos governantes da Inglaterra tinham simpatia pelo ethos aristocrático do Sul e, além disso, a Grã-Bretanha necessitava do algodão sulista para a sua indústria têxtil”* (Jenkins, 2012, p. 138).

⁹ Apesar de não ter sido a primeira bandeira dos confederados, foi aquela que se tornou mais conhecida. Hoje facilmente reconhecida e atribuída à Confederação, ainda com alguma representatividade popular no Sul, sobretudo para alguns grupos que ainda se identificam com a causa.

Capital (USD)	74 000 000\$
População	9 Milhões (3,5 Milhões escravos)
Indústria (quantidade de fábricas)	21,000
Empregados Fabris	111,000
Linhas Férreas (milhas)	9,000

Figura 35: Quadro sobre Os Meios da Confederação

Fonte: National Park Service, 2015. *The Civil War: Facts*. [Online]. Available at: <https://www.nps.gov/civilwar/facts.htm>. [Acedido em 12 fevereiro 2019].

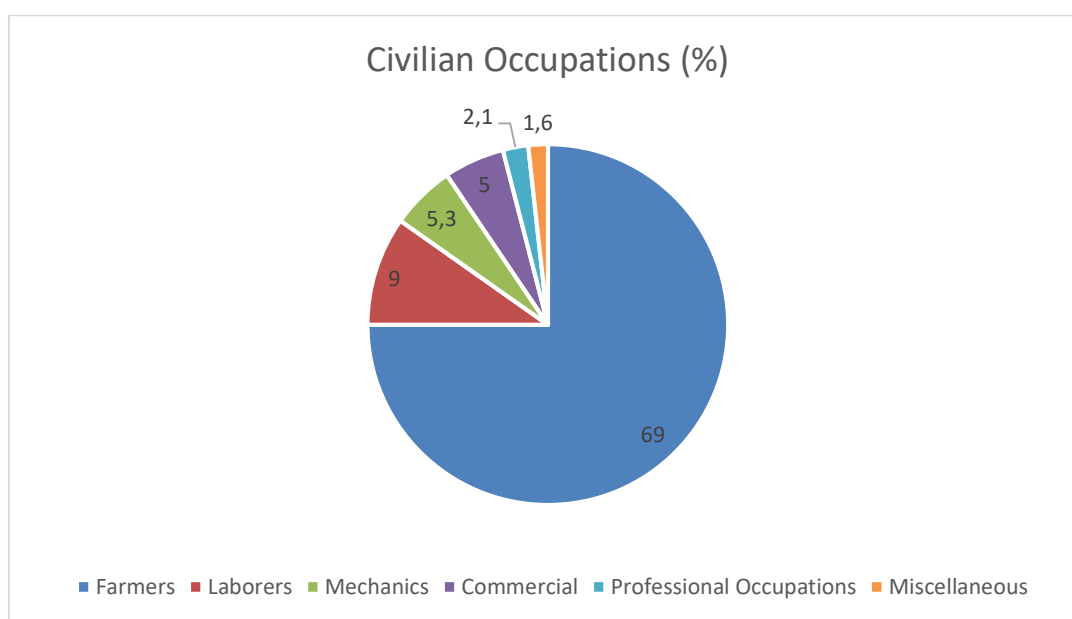


Figura 36: Gráfico sobre a Ocupação dos Cívís

Fonte: National Park Service, 2015. *The Civil War: Facts*. [Online]. Available at: <https://www.nps.gov/civilwar/facts.htm>. [Acedido em 12 fevereiro 2019].

a) Plano

Anaconda Plan. Foi esta a sugestão do tenente-general Winfield Scott na reunião do gabinete em abril de 1861. A ideia seria criar o caos económico e social, através da divisão dos estados confederados, e da obstrução ao reabastecimento:

The idea was that it would put an economic stranglehold on the Confederacy, isolate it from all sources of supply and allow for growth of anti-secessionist sentiments which would eventually cause the South to surrender without the use of violence and would therefore save more lives (Brooks, 2017).

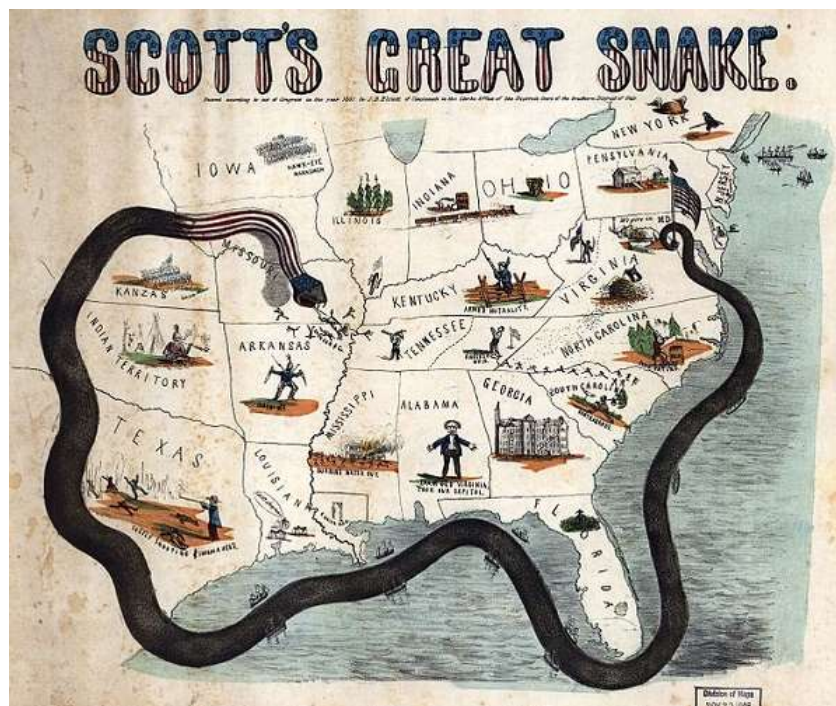


Figura 37: Gen. Winfield Scott's Great Snake, por J. B. Elliott (1861)

Fonte: Elliott, J. B., 1861. *Scott's great snake. Cartoon map illustrating Gen. Winfield Scott's Anaconda plan*, by J.B. Elliott, circa December 1861 - [image]. Civilwarsaga.com. Available at: <http://civilwarsaga.com/civil-war-strategies/>. [Acedido em 11 setembro 2019].

A abertura de uma frente que levaria o exército federal rio Mississippi abaixo, abriria uma brecha na Confederação, e, uma vez separados de reforços e mantimentos, o principal contingente sulista acabaria por naturalmente desaparecer, num efeito semelhante ao estrangulamento de uma serpente. Um plano que poderia resultar, mas que pecava pela lentidão, sendo que tanto o governo, como a opinião pública, esperavam uma estratégia mais prática, com resultados a curto prazo:

Public opinion held that the war would be short, and it demanded an invasion to destroy the rebellion. At the same cabinet meeting, Brigadier General Irvin McDowell, commander of the Army of Northeastern Virginia, proposed to attack and destroy the Confederate army assembling in the vicinity of Manassas Junction. Northern newspapers trumpeted 'On to Richmond' (the Confederate capital) and expected a victorious Union army soon to march into the city. Scott's plan was disregarded, and McDowell's was accepted. The result would be Union defeat at First Bull Run (Historical Dictionary of the U.S. Army cit. in Brooks 2017).

No lado oposto o plano passava por angariar apoio, sobretudo na Europa, e por mostrar à Grã-Bretanha que conseguiam ganhar de forma a incentivar a sua participação. Conscientes

da sua inferioridade, cada dia adicionado à guerra representava uma vitória, *“Em certo sentido, o Sul podia vencer a guerra não perdendo de forma óbvia ou decisiva, enquanto o Norte a perderia se não vencesse rapidamente”* (Jenkins, 2012, p. 137).

At first, the Confederacy simply wanted to survive and defend its right to secede. They had no interest in invading Union territory. As the Union army went on the offense and prepared to invade the South, the Confederate army went on the defense and prepared themselves for attack. Due to the Confederate army's small size, Confederate President Jefferson Davis planned to avoid major battles with the Union army to prevent annihilation of his army and instead planned to only participate in small, limited engagements when the odds were in their favor. This is referred to as a strategy of attrition – a strategy of winning by not losing and simply wearing out the enemy by prolonging the war and making it too costly to continue (Brooks, 2017).

b) Manobra

A batalha de Bull Run mostrou que os rebeldes estavam mais bem organizados do que aquilo que seria esperado, e que a guerra iria durar muito mais que o previsto. Por esta altura, o plano Anaconda foi revisto. Mas mesmo com o plano de enfraquecimento do Sul, seriam precisas medidas mais agressivas para lidar com o exército confederado: *“Um exército de terra avançaria pelo interior a fim de dividir a Confederação ao meio, abrindo a rota do Mississípi, e outra força invadiria o Tenessi. Uma terceira força deveria marchar sobre a capital rebelde de Richmond”* (Jenkins, 2012, p. 137).

These aspects of the Anaconda plan were important, but it was still necessary to destroy the Confederate army in order to force the South to surrender. The Union leaders at the time were reluctant to directly engage Confederate troops, much to Lincoln's dismay. Although Lincoln had very limited military experience, he felt very strongly that the Union should take advantage of its large army and aggressively engage the Confederates simultaneously in different locations to overwhelm them, according to a letter he wrote to his generals Buell and Halleck: *“I state my general idea of this war to be, that we have the greater numbers ... that we must fail unless we can find some way of making our advantage an overmatch for his; and that this can only be done by menacing him with superior forces at different points at the same time.”* (Jenkins, 2012, p. 137).

c) Modelo Comportamental

A partir do momento em que a primeira incursão falhou, toda a estratégia passou a estar em constante emergência. A solidez defensiva do Sul não era facilmente quebrável, pelo que só a persistência e o investimento de uma grande quantidade de meios, a conseguiria dissolver.

Enquanto escolhia pessoal do presidente Lincoln para comandar as forças da União, George McClellan teve muitas dificuldades em penetrar no Sul utilizando a sua campanha de guerra limitada, o que gerou alguma tensão nas relações entre o governo e o estado maior:

In the spring of 1862, the Union Army of the Potomac finally marched to within five miles of Richmond, capital of the Confederacy. Success seemed within reach. But then Robert E. Lee took command of the rebel armies in the east – and Lee was a man who “would take more chances, and take them quicker than any other general in the country”, as one friend put it. Lee’s smaller, more nimble forces stung Union troops from several sides. Little Mac retreated, hoodwinked into thinking that Lee’s army was twice the size of his own.

McClellan’s caution frustrated Lincoln, especially because the president was beginning to think that a limited war would never bring victory (Davidson, 2015, p. 159).

A falta de impacto da campanha obrigou Lincoln a tomar medidas. Despediu McClellan, e escolheu outros oficiais para comandar a União, *“From May 1862 until May 1863, Lincoln relied on four different generals—McClellan, John Pope, Burnside, and Joseph Hooker”* (McNeese, 2009, p. 28). Mas de todos os generais que serviram a União, aquele em quem se depositou mais confiança, foi Ulisses S. Grant:

As the fourth year of the war began, he put Grant in charge of all northern armies. Both men agreed that to save the Union, they could no longer fight a limited war. To defeat the Confederate army, the food and supplies that kept it going would also have to be destroyed (Davidson, 2015, pp. 161-164).

O insucesso do início da guerra forçou o exército a aplicar táticas mais agressivas, e o nível de violência acabou por escalar muito para lá do pretendido, mas com efeito:

Colonel John Beatty, fresh from the guerrilla campaigns in Tennessee, wasted no time when rebels fired into a train and cut wires near the town of Paint Rock. “Hereafter every time the telegraph wire was cut we would burn a house,” he said of his policy; “every time a train was fired upon we should hang a man; and we would continue to do this until every house was burned and every man hanged between Decatur and Bridgeport (Sutherland, 2009, p. 104).

d) Posição

A posição era realmente a chave de toda a guerra. E neste caso em particular, o rio Mississippi merecia especial atenção. Uma vez controlando o rio, e segurando os seus pontos de controlo, não só cortava a Confederação ao meio, deixando o Louisiana, o Arkansas e o Texas isolados do resto; como dificultava o transporte de provisões tanto de Este-Oeste, como

Sul-Norte, na expectativa de que divididos não aguentassem muito tempo. Mas para surpresa de muitos, não foi o rio que causou as maiores dificuldades, mas sim a entrada na Virginia, onde os confederados aguentaram as suas fronteiras por bastante tempo, e com enorme sacrifício.

Lee chegou a acreditar que a solução estaria no ataque, e em vez de defender a sua posição, tentou alcançar a do adversário numa campanha para tentar invadir Washington. O insucesso da campanha constituiu uma situação de exaustão estratégica, expondo Richmond a uma invasão. A tomada do centro de gravidade por parte da União não ditou o fim da guerra imediatamente, mas a queda da capital confederada teve um impacto simbólico demasiado negativo na moral nas tropas sulistas. A reviravolta iniciada em Gettysburg, constituiu o ponto de viragem a favor da União, pois a partir daí, os rebeldes foram perdendo sucessivamente as suas posições até estarem encurralados em Appomattox.

e) Perspetiva

Lincoln olhava para a sua administração como o legítimo governo dos Estados Unidos. Na sua perspetiva, os confederados e o respetivo governo de Jefferson Davis, não passavam de uma organização de carácter subversivo e revolucionário, que não refletia a opinião generalizada da população sulista. Este era um problema criado por um grupo de aristocratas com poder e meios suficientes para influenciarem um conflito, em nome do *lobby* que representavam. Tendo em conta os discursos e as intervenções públicas do presidente, ficamos com a ideia de que Lincoln não via nos sulistas um inimigo, mas uma sociedade iludida por interesses alheios que precisava de ser reencaminhada. Cabia ao Norte mostrar como os Estados Unidos só poderiam prosperar unidos numa federação, e que assim deveriam permanecer:

Por esta mesma ocasião, há quatro anos atrás, todas as atenções estavam concentradas numa guerra civil iminente. Todos a receavam; todos tentavam evitá-la. Enquanto neste local estava a ser feito o discurso de posse, inteiramente dedicado à *salvação* da União sem guerra, agentes insurrectos tentavam, na cidade, a sua *destruição* sem guerra – procurando dissolver a União e causar divisões por meio de negociações. Ambas as partes repudiavam a guerra, mas uma delas preferia *fazer* a guerra a deixar sobreviver a nação, enquanto a outra preferia *aceitar* a guerra a deixá-la perecer; e a guerra eclodiu (Lincoln 1865 cit. in Robalo 2009, p. 48).

Internacionalmente, os Estados Unidos estavam novamente isolados. Na Europa viam com bons olhos a divisão norte-americana, pelo que ninguém se ofereceu de forma direta para

apoiar a União, antes pelo contrário, “*A França e a Rússia não tinham interesse em promover uns Estados Unidos fortes, que podiam desafiar os seus desígnios imperiais*” (Jenkins, 2012, p. 138). Na verdade, a intervenção externa era um dos grandes receios do governo. Se as Nações tendencialmente simpatizantes do Sul, manifestassem a sua afiliação, isso poderia realmente equilibrar a balança e dar uma oportunidade aos confederados. Tal nunca poderia Lincoln permitir, pois enquanto a guerra fosse mantida dentro de portas, a situação estaria controlada.

IV. RECONSTRUÇÃO E PROGRESSO

O legado de Lincoln iria ser posto à prova nos anos seguintes. Havia um estado para reunificar. Andrew Johnson herdou um país fraturado e de luto, onde ainda pairava um estigma de desconfiança e suspeição quanto às intenções de cada um. Johnson tentou seguir a linha de governo do seu antecessor, mas a sua intransigência, e a reconhecida falta de habilidade de liderança dificultaram o processo de reconstrução.

A Nação foi sarando, mas a custo. Os assassinos do presidente foram apanhados, os estados sulistas foram reintegrados no processo político, os oficiais confederados foram perdoados, e os negros seriam, a partir de então, livres. No entanto, nada disto foi conseguido através de um clima pacífico. Os sulistas demonstraram que nunca iriam aceitar os negros como iguais, criando um sistema de leis que facilitava a segregação e permitia o linchamento; já os republicanos nortistas, opuseram-se fortemente à reinserção exigida por Johnson, e pediam sanções mais pesadas para os traidores (Davidson, 2015). Neste clima, o presidente desentendeu-se com o próprio gabinete e com o Congresso, que juntos puseram um processo de *impeachment* em curso, mas sem sucesso.

Ao contrário do que se passava no Sul, o resto do país parecia estar a progredir com a devida tranquilidade. Ainda durante a guerra, o Congresso aprovou o novo Homestead Act correspondente aos novos territórios no Oeste; e a Railroad Act, que previa a construção de uma linha de ferro que ligasse a costa leste à costa oeste:

Só em 1862, o Congresso aprovou uma série de medidas cruciais para o desenvolvimento do Oeste, incluindo o Homestead Act e o Pacific Railroad Act. Foram oferecidas terras federais para a criação de uma rede de universidades com o objetivo de promover o desenvolvimento social das classes trabalhadoras. O potencial para a expansão industrial foi fortemente aumentado pela rentabilidade da produção do tempo de guerra e pelos contratos militares, cujos beneficiários se encontravam também no Nordeste e no Centro Oeste (Jenkins, 2012, p. 143).

A partir do último quartel do séc. XIX, os Estados Unidos entram numa onda de prosperidade e desenvolvimento tecnológico. Thomas Alva Edison iluminou as cidades com a sua nova descoberta, a eletricidade. Alexander Graham encontrou uma maneira de enviar vozes através de um fio que facilitaria as comunicações. O ferro, outrora o metal utilizado na construção de infraestruturas, foi substituído pela sua forma mais purificada e resistente, o aço. Tudo passou a girar à volta de aço, numa indústria controlada por Andrew Carnegie. Mas Carnegie não estava sozinho. Encontrou os seus pares em John D. Rockefeller, e nos seus poços

deste novo recurso, o petróleo; em Jay Gould e Cornelius Vanderbilt, e nas suas transportadoras; e em J. Pierpont Morgan, que disponibilizava os fundos para todos estes empreendimentos em troca de uma participação, em *shares*:

Big railroads, big oil, big steel. And last, but surely not least, big money. Huge corporations needed cash for their projects. So bankers created marketplaces where “capital” – the Money used for investment – was bought and sold. Thousands of ordinary people could buy a piece of large company by investing in shares of stock available at Money markets like the New York Stock Exchange. The old Dutch lane called Wall Street became the nation’s center for capital (Davidson, 2015, p. 181).

Se podemos dizer que as ações de Thomas Jefferson ou James K. Polk ajudaram a construir o território norte-americano, estes homens construíram a sua economia, e moldaram-na aos tempos modernos. Esta nova aristocracia rodeava-se em círculos elitistas, frequentava lugares específicos, praticava atividades de lazer, e em nenhuma circunstância se misturava ou convivia fora deste meio. O seu mundo era tão elitista e reservado, que a própria sociedade se regia por um código moral e ético, designado pelos próprios elementos. Mas se de um lado, houve uma classe de pessoas que soube aproveitar esta onda para enriquecer, no extremo oposto a classe de trabalhadores e operários ia ficando mais enfraquecida. As disparidades eram cada vez maiores, e começou a cavar-se um fosso entre ricos e pobres demasiado acentuado, onde as classes mais baixas tinham cada vez mais dificuldades em subsistir neste mundo empresarial e capitalista (Davidson, 2015). Os operários tinham condições muito rudes, com horários sobrecarregados a um salário mínimo, para árduas tarefas sem qualquer segurança de trabalho. E estes ofícios penosos, traduziam-se na qualidade de vida. As áreas periféricas das cidades cresciam graças ao excesso de população que ali se estabelecia em situações precárias, com apartamentos de apenas uma divisão para famílias numerosas, sem condições de higiene e privacidade, em bairros onde nem os serviços logísticos, nem as infraestruturas conseguiam dar uma resposta assegurada:

O carácter das cidades também mudou e as vizinhanças eram frequentemente definidas pela linguagem e pela religião. Normalmente, as novas cidades eram zonas privilegiadas, caracterizadas por uma riqueza extrema, e as zonas mais pobres sofriam formas terríveis de privação social. Nos anos 1880, a densidade populacional nos bairros de lata do leste da cidade de Nova Iorque era talvez o dobro da existente na cidade de Londres. As condições desastrosas de saúde pública em todo o país estão patentes nas taxas de mortalidade, que eram de 16 ou 17 por cada 1000 habitantes na primeira década do século, o dobro da taxa moderna. Quase um quarto das mortes era atribuído à pneumonia, à gripe ou à tuberculose. Os acidentes industriais eram também extremamente comuns. Em 1904, por exemplo, 27 000 operários morreram por causas associadas ao trabalho. Estes números confirmam a observação de lord Bryce (que era então professor na Universidade de Oxford e foi, depois, embaixador em Washington) em 1893, segundo a qual «o governo das cidades é o defeito mais visível dos Estados Unidos» (Jenkins, 2012, p. 169).

Terá sido neste ambiente que uma onda de revolta se abateu sobre as comunidades trabalhadoras, provocando uma vaga de solidariedade e camaradagem sob a forma de um novo tipo de organização laboral, os sindicatos. Projetados para protestar por melhores condições de trabalho, organizando os seus elementos para prejudicar os patrões caso as suas reivindicações não fossem atendidas. Os sindicatos foram apenas um de vários novos movimentos sociais, onde se incluíam movimentos pelos direitos das mulheres ou por direitos de certos grupos religiosos. Estes movimentos ficaram conhecidos como progressistas, e rapidamente atingiram as altas esferas da política norte-americana:

Who were the Progressives? They didn't speak with a single voice or come from a single party. But they all agreed that government should do more for the common good. They questioned the idea that, in the real world, each individual really had an equal opportunity in life (Davidson, 2015, p. 216).

As doutrinas progressistas, encontraram o seu exponencial máximo no início do séc. XX, quando Theodore Roosevelt ocupou a Casa Branca. Roosevelt favoreceu reformas progressistas e fez o possível para retirar alguma força aos oligarcas americanos. William Howard Taft foi o seu seguidor, contudo Taft revelava uma personalidade bastante influenciável, e acabou por gerar a discórdia no seio do partido republicano. A divisão instalada levou os democratas novamente à Casa Branca, na pessoa de Thomas Woodrow Wilson.

1. Meios

Os recursos humanos voltaram a ser um dos principais meios, desta vez, a grande novidade passa pelas remessas de imigrantes que chegavam todos os dias ao país, vindas

sobretudo da Europa, em conformidade com o que acontecia desde o início do séc. XIX, “E, se essa primeira vaga de imigração não era muito numerosa, em contrapartida só entre 1790 e 1830 a população iria triplicar. Calcula-se que desde o início do século XIX até à década de 1880 tenham chegado à América cerca de 10 milhões de pessoas” (Caetano, 2016, p. 82). A estabilidade e crescimento do final do séc. XIX levou muita gente a procurar uma nova vida do outro lado do Atlântico, pelas dificuldades que se vivam nos seus países, caso da Irlanda; e pelo fascínio das oportunidades criadas através da indústria, e do sistema capitalista.

Ano do Censo	População Nacional (Milhões)
1870	38,6
1880	50,2
1890	63,0
1900	76,0
1910	92,0

Figura 38: Quadro Sobre O Crescimento Populacional Pós-Guerra Civil

Fonte: Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.

Cidade	1860 (milhares)	1900 (milhares)
New York	806	3437
Chicago	109	1699
Philadelphia	566	1294
St. Louis	161	575
Boston	178	561
Cleveland	43	382
San Francisco	56	342
Cincinnati	161	325
Pittsburgh	49	322
New Orleans	169	287
Detroit	46	286

Figura 39: Quadro das Principais Cidades Americanas na "Época Dourada"

Fonte: Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.

2. Meio

A população cresceu, cidades nasceram, e posteriormente foram organizados em administrações estatais. Só no período pós-Guerra Civil, nasceram uma dúzia de estados, que completariam assim o mapa administrativo americano (exceção ao Alaska).

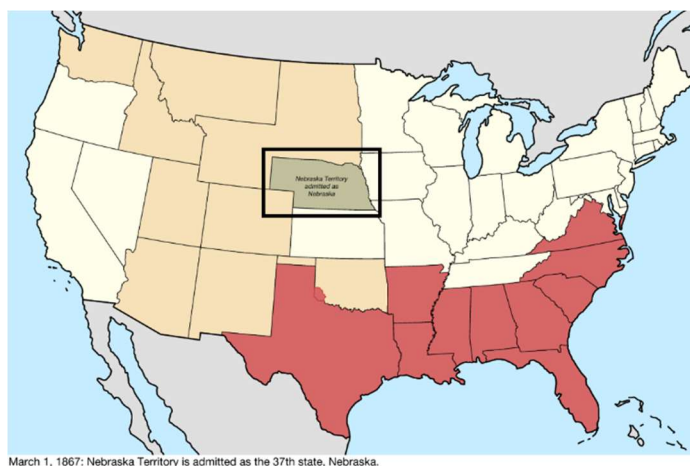


Figura 40: A admissão do Nebraska

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on March 1, 1867*, Escala N. I., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 5 março 2019].

Nebraska (1867)	South Dakota (1889)	Idaho (1890)	Oklahoma (1907)
Colorado (1876)	Montana (1889)	Wyoming (1890)	New Mexico (1912)
North Dakota (1889)	Washington (1889)	Utah (1896)	Arizona (1912)

Figura 41: Quadro dos Novos Estado Admitidos Pós-Guerra Civil

Fonte: Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.



Figura 42: A Admissão do Arizona¹⁰

Fonte: Golbez, 2015. *Map of the change to the United States in central North America on February 14, 1912*, Escala N. 1., [map]. San Francisco: Wikipedia. Available at: https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_evolution_of_the_United_States. [Acedido em 15 março 2019].

3. Tempo

A Reconstrução fez-se a um ritmo mais lento do que aquilo que seria expectável pela administração. O assassinato do presidente Lincoln foi um fator que atrasou o processo, mas acabou por ser cumprido ao fim de sensivelmente quinze anos. As divergências em matérias mais profundas, manter-se-iam quase até à atualidade, mas nunca a união voltou a estar em causa.

A partir desse momento, os Estados Unidos entraram numa “Época de Ouro” que se manteria até à década de trinta do Séc. XX. A um ritmo de crescimento impressionante, até 1912 teriam todo o território dividido administrativamente. Numa duração de cinquenta anos, foi possível recuperar da guerra, organizar o interior e progredir tanto socialmente como economicamente.

¹⁰ O Arizona foi o último estado a ser formalmente admitido na União, no que respeita ao território continental contíguo. A partir de então, foram admitidos outros territórios como estado federado de igual direito tal como Alaska e Hawaii, e outros apenas como protetorado, mas nenhum com conexão fronteiriça ao território original.

4. Contrário

As guerras tinham acabado, e não haveria mais problemas com potências estrangeiras ou exércitos rebeldes dentro do continente. No entanto, os índios continuavam a ser um obstáculo persistente, e nesta fase, seria o único obstáculo ao progresso. O exército americano voltou-se então para Oeste. Os índios foram sendo empurrados e expulsos das suas casas, ora por forma de tratado, venda forçada, ou simplesmente expropriação. Alguns tentaram resistir, mas na maior parte das vezes sem sucesso. Em 1876, o orgulhoso general George S. Custer subestimou a força dos índios, conduzindo cerca de duzentos homens a uma morte certa, ao enfrentar milhares de índios em Little Big Horn. Esta, terá sido a única grande derrota, que chocou toda a gente, mas garantiu que o exército americano nunca mais seria vencido. À Beira da extinção, os milhares de sobreviventes, andaram de reserva em reserva, até serem assimilados na grande civilização ocidental¹¹. Como descreve o general Samuel Walker (cit. in Cabral 2016, p. 94):

O avanço da fronteira permite a anexação anual de um território tão vasto como alguns reinos da Europa. Enriquecemos à razão de centenas de milhões de dólares por ano, enquanto os índios empobrecem cada vez mais. Esta expansão concede à nação a grandeza de um império; ao índio não traz senão a miséria, a decadência e a mendicidade.

a) Plano

- I. Reintegrar o Sul na União, sem qualquer represália ou penalização;
- II. Levar a civilização até ao Oeste e organizá-la, encorajando o crescimento do país à mesma velocidade em todas as regiões;
- III. Construir uma rampa de lançamento de uma possível expansão comercial e militar extracontinental.

¹¹ Até o famoso chefe apache Geronimo viu-se forçado a render, pelas consequências que a revolta estava a trazer para o seu povo. De certa forma, os índios não tinham alternativa. Era a escolha entre a morte ou a vontade do “homem branco”. Em 1890, mais de duzentos índios foram massacrados em Wounded Knee, num episódio que marcou o fim das guerras índias.

b) Manobra

Fomentar o desenvolvimento do interior através:

- da atribuição de parcelas consideráveis de propriedade: *“Muitos agricultores iriam instalar-se na região das Grandes Planícies, sobretudo depois de o Presidente Lincoln, para estimular o povoamento, lançar em 1862, a Lei de Propriedade Rural (Homestead Act), que atribuía 160 hectares de terra a quem cultivasse por um mínimo de cinco anos”* (Caetano, 2016, p. 84);
- da construção de linhas-de-ferro, pontes, estradas e todo o tipo de vias-de-comunicação e infraestruturas que facilitassem a travessia e estabelecimento no Oeste;
- da disponibilização e permanência de um forte dispositivo militar, de forma a lidar com as ameaças e garantir a segurança dos viajantes e trabalhadores;
- do misto entre investimento público e privado que possibilitou a exploração das riquezas que aí se encontravam;
- da expulsão dos índios, e da libertação dos respetivos territórios e recursos.

c) Modelo Comportamental

Todas as administrações deste período teriam razoavelmente a mesma ideia em relação ao Oeste americano. A estratégia desenvolvida no período da reconstrução não encontrou grandes retrocessos, ou mudanças de sentido. Os índios revelaram-se um problema grande, que obrigou muitas vezes à adaptação, como a mudança de rotas por questões de segurança, ou a utilização de meios militares não previstos, nas ocasiões em que as caravanas e os comboios eram assaltados, ou nas situações em que os índios recusavam ceder.

d) Posição

Na época da reconstrução, a fronteira civilizada dos EUA acabava mais-ou-menos onde é hoje o atual Oklahoma. O Nebraska foi o primeiro estado a aderir à União após o fim da Guerra Civil. Seguiu-se o Colorado, e a fronteira foi-se mexendo nessa direção. A cada conquista de posições estratégicas, nasciam novas cidades, novas rotas, e *outposts* que seguravam o território adquirido, e serviam de suporte para relançar novas campanhas. Quanto

mais posições se ganhava no Oeste, mais os índios saíam enfraquecidos, mesmo com a resistência de tribos como os Sioux, na região das Dakotas, e dos Apaches e Navajos na região do New Mexico / Arizona.

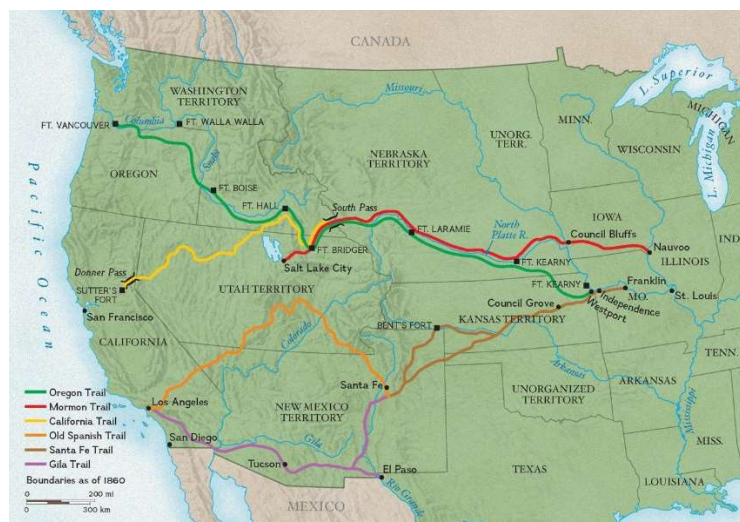


Figura 43: Trails West, 1840-1850 (Pré-Guerra Civil)

Fonte: National Geographic Society, 2002. *Trails West*, Escala N. 1., [map]. Washington DC: National Geographic. Available at: <https://www.nationalgeographic.org/photo/trails-west/>. [Acedido em 03 maio 2019].

e) Perspetiva

A perspetiva aqui não surge no âmbito da política externa, mas sim no sentido da administração interna. Ainda assim, não deixa de ter uma relevância geopolítica para os anos seguintes. Graças à visão e ambição de homens como Ulisses S. Grant, Rutherford B. Hayes, James Garfield, Chester Arthur ou Grover Cleveland, os EUA cresceram enquanto país e símbolo de prosperidade, colocando-se definitivamente na perspetiva da potência hegemónica, cuja superioridade não reconheceria concorrência ou impedimentos aos objetivos:

Assim, os EUA deveriam apoderar-se do continente «que a Providência [lhes] deu», porque um país «vigoroso e acabado de sair da mão de Deus» estava investido de uma «santa missão que respeita às nações do mundo». Daí a três anos metade do México está conquistada e este «destino» será depois aplicado no mar, pela supermaria marítima e comercial dos EUA no Oriente segundo a ideia da «porta aberta» à escala global, de preferência evitando colónias ou guerras de conquista. Um mundo dominado pelo vigor de uma economia preponderante. Mas se o «imperialismo pacífico» se revelava impossível, então a ação militar poderia ser sempre justificada e necessária (Rodrigues, 2016, p. 96).

CONCLUSÕES

Num artigo de 1845, John L. O’Sullivan (cit. in Heidler & Heidler, 2019) recorreu à fé para justificar publicamente o plano expansionista, falando num direito divino dos americanos em conquistar e popular todo o interior do território, “*the right of our manifest Destiny to overspread and to possess the whole of the continent which Providence has given us for the development of the great experiment of liberty and federated self-government entrusted to us*”. Mais do que um projeto político e administrativo, a conquista do Oeste revelou-se um verdadeiro apelo patriótico, que contagiou a mentalidade, e influenciou a ideologia do cidadão americano. Francis Grund, escreveu em 1836 (cit. in Turner, 2018, p. 21):

Parece, portanto, que a disposição universal dos americanos para emigrar para os lugares selvagens a ocidente, de forma a alargar o seu domínio sobre a natureza inanimada, é o resultado concreto de um poder expansivo que lhes é inerente e que, por agitar continuamente todas as classes da sociedade, lança constantemente uma larga porção do conjunto da população nos confins extremos do Estado, de modo a ganharem espaço para o seu desenvolvimento. Assim que um novo Estado ou Território é formado, o mesmo princípio manifesta-se novamente e dá origem a uma nova emigração; e assim está destinado a continuar até que uma barreira física finalmente obstrua o seu progresso.

Grund explorou a ideia de que a procura por espaço, e a vontade de dominar o meio, é um traço inato, que se estenderia por todas as classes, e que só abrandaria perante a ocorrência de condições físicas intransponíveis. Jackson Turner (2018, p. 32) defende que este empreendimento se realizou, desdobrado em setores a diferentes ritmos, “*A exploração dos animais selvagens levou o caçador e o comerciante para o Oeste, a exploração das ervas levou o rancheiro para Oeste, e a exploração do solo virgem dos vales dos rios e das pradarias atraiu o agricultor*”; na visão de que o avanço do mercador e do caçador é paralelo ao avanço do agricultor. Como explica John Mason Peck (1837 cit. in Turner 2018, pp. 33-35), existem várias ondas de emigração:

Regra geral, em todas as colónias do Oeste, três classes avançam uma a seguir à outra, como as ondas do oceano. Primeiro vem o pioneiro, que depende para a subsistência da sua família principalmente do crescimento natural da vegetação, chamada “extensão”, e dos proveitos da caça. (...)

A próxima classe de emigrantes compra as terras, junta campo com campo, limpa os caminhos, lança pontes toscas sobre ribeiros, ergue casas de troncos trabalhados com janelas de vidro e chaminés de tijolo ou pedra, planta ocasionalmente pomares, constrói moinhos, escolas, tribunais, etc., e exhibe a forma e o aspecto da vida civilizada simples e frugal.

Outra onda avança. Os homens de capital e iniciativa chegam. O colono está pronto a vender e a tirar proveito do aumento da propriedade, avançar mais para o interior e tornar-se, ele próprio, um homem de capital e iniciativa por sua vez. A pequena aldeia transforma-se numa vila ou cidade espaçosa; vêem-se edifícios consideráveis de tijolo, campos extensos, pomares, jardins, colégios e igrejas. Fazendas, sedas, chapéus de palha, crepes e todos os refinamentos, luxos, elegâncias, frivolidades e modos estão em voga. Assim avança onda após onda em direcção ao Oeste; o verdadeiro Eldorado está ainda mais à frente.

Homens como John L. O’Sullivan, Jackson Turner, Francis Grund ou John Peck observaram todo este processo com naturalidade, e até com a racionalidade lógica do homem à procura da sua subsistência, de uma oportunidade de riqueza, ou até mesmo de um possível despertar religioso. No entanto, estas visões em separado acabam por ser demasiado simplistas, e devem ser consideradas como o resultado popular do planeamento estratégico e do investimento governamental. E se por um lado podemos afirmar que do ponto-de-vista do cidadão americano, este foi um processo natural e circunstancial; da perspectiva política e administrativa, conclui-se que este foi um processo planeado com efeito causa-consequência.

Os resultados exibidos pela viagem de Lewis e Clark chamaram a atenção para a potencialidade do Oeste, e interessaram muito a administração que os encomendou, “*Along the way they drew 140 maps and met with two dozen Indian nations. Lewis collected specimens of everything, from wood rats and horned toads to bull snakes, prairie dogs, and pelicans, sending many back to Jefferson*” (Davidson, 2015, p. 111). A compra do Louisiana, um negócio que nem sequer estava previsto na constituição, duplicou o território e afirmou a posição dos EUA no continente. A guerra de 1812, e a insistência da administração nos territórios do Oregon reforçam essa teoria da procura do poder; e mais tarde, a admissão do Texas, e a provocação aos mexicanos de forma a forçar a disputa pela Califórnia parece já não deixar dúvidas. No entanto, não seria suficiente somente possuir o território, mas sim desenvolvê-lo, melhorá-lo, civilizá-lo, e obstruí-lo das ameaças tanto internas como externas. Sem a Railroad Act, a Homestead Act, o desenvolvimento tecnológico e a proteção proporcionada pelo Estado, nada disto teria sido possível.

Com os factos aqui apresentados ao longo da Dissertação, não há outra hipótese senão reconhecer e reafirmar, a teoria de projeção e planeamento da expansão. Conclui-se então que toda a operação de conquista e civilização do Oeste terá de facto sido projetada e planeada estrategicamente e geopoliticamente, justificada pela necessidade de espaço e pela procura de poder, de forma a garantir a sobrevivência do Estado, o natural desenvolvimento, e a manutenção de uma posição de força capaz de rivalizar e impor-se perante os seus pares. Mas não ficaria por aqui. Ao conseguir este feito, os americanos abriram uma janela de oportunidade, que visualizava mais do que a simples construção da Nação.

Alfred Thayer Mahan (cit. in Almeida 2012, p. 173) acreditava que o poder marítimo poderia fazer a diferença entre a vitória e a derrota na guerra, sendo que esse poder deveria ser preparado em tempos de paz. Pelo que interpretou Políbio Valente de Almeida, *“ter produções excedentárias que lhes permita fazer trocas, ter navios capazes de transportar esses bens e ter colónias que sirvam, simultaneamente, de porto de abrigo em tempo de paz, de bases seguras e estratégicas em tempo de guerra e possam, ainda, ser áreas de expansão económica”*. James Monroe foi o primeiro a antever esta realidade, percebendo que poderiam alcançar objetivos muito maiores do que aqueles que estavam inicialmente preconcebidos. E se os Estados Unidos realizassem uma expansão extracontinental, retirando colónias a outras potências? Para isso, seria preciso uma jogada ousada e confiante, pois não se tratava de confrontar os europeus à porta de casa, mas sim desafiá-los a milhares de quilómetros de distância, apontando àquilo que lhes era mais precioso, e pelo qual eles se digladiavam entre si. Assim, o presidente lançou a sua “Doutrina Monroe”, que pautava pela não colonização e não intervenção estrangeira. A administração queria os europeus fora do continente americano a toda a sua longitude, como fica explícito em Catarina Mendes Leal (2013, p. 25):

1. Princípio da não-colonização – oposição a qualquer colonização futura exercida por qualquer soberania exterior ao continente;
2. Princípio da não-intervenção – exclusão da intervenção da Europa nos negócios do continente americano;
3. Princípio isolacionista – isolamento dos EUA face às questões europeias.

E assim, lançaram-se as bases da expansão, e daquilo de que considere a Segunda Fase Geopolítica, que fica também associado ao favorecimento do momento histórico, e ao aproveitamento de algumas circunstâncias benéficas como as guerras europeias, e o enfraquecimento das potências. E neste capítulo, a conjuntura tornou-se de tal forma benéfica, que mesmo os quatro longos anos de guerra civil, parecem ter retardado o processo de

construção territorial, mas nunca retiraram a afirmação internacional que aos poucos estava a ser construída, sendo o reflexo disso o respeito pelo estatuto do presidente Lincoln e pela imposição de não ingerência externa. E se por um lado o conflito interno representou um dos momentos mais dramáticos da história americana, por outro significou um ponto de viragem e recomeço. A grandeza territorial, consolidou-se através de um sistema político estável e de um modelo económico baseado na criação e desenvolvimento da indústria, infraestruturas, e linhas de comunicação, e na prossecução do grande capital, o que gerou o equilíbrio perfeito para que os Estados Unidos estivessem aptos para lançar uma nova fase de objetivos. E uma vez mais oportunidade surgiu através de circunstâncias alheias, quando a grande guerra europeia ganhou uma dimensão global. A nova fase internacional apresentou uns Estados Unidos renovados na sua imagem e dimensão, cuja demonstração de força deixaria claro para o mundo qual seria o grande contendor das décadas seguintes.

History has treated us kindly; geography has endowed us greatly; the opportunities have been well used; and the result is that our country is today the most important political unit in the New World. Geographic and strategic factors, raw materials and population density, economic structure and technological advancement all contribute to give the United States a position of hegemony over a large part of the Western Hemisphere (Spykman, 1942, p. 59).

Se questionarmos se a inexistência desses fatores externos teriam alterado o desfecho da História, eu creio que não. A abundância de recursos, a força económica e militar, e a densidade territorial eram diferenciadores demasiados profundos para que alguém conseguisse contrariar o desejo americano, como fica explícito em Lewis Alexander (1963, p. 145):

The tremendous economic strength of the United States is a potent factor in world affairs. War, or threat of war, in the past has often been the final arbiter in international disputes, and the United States' economic status, as a reflection of its militar potential, has since 1917 been one of the basic components of world power relations. The economic power of the United States is based primarily upon its possession of essential commodities, such as food, petroleum, and steel, its position as a market, and its control of funds and credits which are advanced to less wealthy countries.

Para terminar, seria exagerado se afirmássemos que ao início do séc. XIX, os Estados Unidos planearam ser a superpotência de influência mundial que são hoje, contudo planearam sempre ser superiores, na ideia de que só essa ambição asseguraria a continuidade, e que só essa ambição provaria o verdadeiro valor da identidade americana:

Com efeito, os colonos norte-americanos tinham uma grande confiança: nos valores políticos, morais e sociais; nos valores individuais; nos recursos naturais; nas regras; e na unidade entre o sucesso económico e a graça de Deus (Leal, 2013, p. 18).

BIBLIOGRAFIA

Alexander, L. M., 1963. *World Political Patterns*. Chicago: Rand McNally.

Almeida, P. V. d., 2012. *Do Poder do Pequeno Estado: (Enquadramento Geopolítico da Hierarquia das Potências)*. Lisboa: ISCSP.

Amadeo, K., 2018. *Six US Natural Resources That Boost The Economy*. [Online]
Available at: <https://www.thebalance.com/how-natural-resources-boost-the-u-s-economy-3306228>
[Acedido em 9 janeiro 2019].

Bigelow, B. & Schmittroth, L., 2000. *American Revolution Almanac*. Stacy A. McConnell ed. Estados Unidos da América: UXL.

Brady, H., 2018. *Mexico Independence Day: What You Need to Know*. [Online]
Available at: <https://www.nationalgeographic.com/culture/2018/09/mexico-independence-day-confusion-cinco-de-mayo/>
[Acedido em 18 janeiro 2019].

Brands, H. W., 2000. *The First American: The Life and Times of Benjamin Franklin*. New York: Doubleday.

Britannica Educational Publishing; Rosen Educational Services, 2010. *The American Revolutionary War and The War of 1812: People, Politics and Power*. New York: Britannica Educational Publishing.

Brooks, R. B., 2017. *What were the Major Strategies of the Civil War?*. [Online]
Available at: <http://civilwarsaga.com/civil-war-strategies/>
[Acedido em 2019 abril 2019].

Cabral, L. P., 2016. Uniting States of America. *Visão História: A Formação dos Estados Unidos*, dezembro, pp. 88-95.

Caetano, E., 2016. A Epopeia do Oeste. *Visão História: A Formação dos Estados Unidos*, dezembro, pp. 80-87.

Caetano, E., 2016. A maior compra de terreno da História. *Visão História: A Formação dos Estados Unidos*, dezembro, pp. 64-65.

Clarke, K. A. & Primo, D. M., 2007. Modernizing Political Science: A Model-Based Approach. *Perspectives on Politics*, Dezembro, pp. 741-753.

Cortázar, F. G. d. & Vesga, J. M. G., 1997. *História de Espanha: Uma Breve História*. Lisboa: Editorial Presença.

Davidson, J. W., 2015. *A Little History of the United States*. Londres: Yale University Press.

Faulkner, D. O. & Campbell, A., 2009. Introduction. Em: D. O. Faulkner & A. Campbell, edits. *The Oxford Handbook of Strategy*. Oxford: Oxford University Press, pp. 1-24.

Fowler, W., 2007. *Santa Anna of Mexico*. Nebraska: University of Nebraska Press; Lincoln and London.

Heffner, R. D. & Heffner, A. B., 2018. *A Documentary History of the United States*. New York: Signet Classics.

Heidler, D. S. & Heidler, J. T., 2019. *Manifest Destiny*. [Online]
Available at: <https://www.britannica.com/event/Manifest-Destiny>
[Acedido em 2 abril 2019].

Imagine Publishing Ltd, 2015. *All About History: Book of the Founding of the United States*. Bournemouth: Imagine Publishing Ltd.

Jefferson, T., 1803. *State of The Union Address: Thomas Jefferson (October 17, 1803)*. [Online]
Available at: <https://www.infoplease.com/homework-help/us-documents/state-union-address-thomas-jefferson-october-17-1803>
[Acedido em 19 abril 2019].

Jenkins, P., 2012. *Uma História dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Texto & Grafia.

Johnson, S., 2017. *Union Vs. Confederacy Civil War Weapons*. [Online]
Available at: <https://classroom.synonym.com/union-confederacy-civil-war-weapons-8292180.html>
[Acedido em 15 fevereiro 2019].

Katcher, P. & Embleton, G. A., 1976. *The Mexican-American War 1846-1848*. Oxford: Osprey Publishing.

Kunc, M., 2019. *Strategic Analytics: Integrating Management Science and Strategy*. Chichester: John Wiley & Sons Ltd.

Lanning, M. L., 2008. *The American Revolution 100: The People, Battles, And Events Of The American War For Independence, Ranked By Their Significance*. Naperville: Sourcebooks, Inc..

Lara, A. d. S., 2011. *Subversão e Guerra Fria*. Lisboa: ISCSP.

Lara, A. d. S., 2013. *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. Lisboa: ISCSP.

Leal, C. M., 2013. *A Política Externa Norte-Americana: Principais Marcos, Principais Doutrinas*. Cascais: Tribuna da História.

Martins, L. A., 2016. Armadilha para os 'casacas vermelhas'. *Visão História: A Formação dos Estados Unidos*, dezembro, pp. 47-55.

McDaniel, M., Sprout, E., Boudreau, D. & Turgeon, A., 2012. *North America: Resources*. [Online]

Available at: <https://www.nationalgeographic.org/encyclopedia/north-america-resources/>
[Acedido em 8 janeiro 2019].

McNeese, T., 2009. *The Civil War A Nation Divided: Civil War Leaders*. New York: Chelsea House Publishers.

Mintzberg, H., 2008. Five P's for Strategy. Em: *Strategy Bites Back*. Dorchester: Pearson Education, pp. 11-12.

National Park Service, 2015. *The Civil War: Facts*. [Online]

Available at: <https://www.nps.gov/civilwar/facts.htm>
[Acedido em 12 fevereiro 2019].

O'Reilly, B. & Dugard, M., 2013. *O Assassínio de Lincoln*. Alfragide: Texto Editores.

Ribeiro, A. S., 2010. *Teoria Geral da Estratégia: O Essencial ao Processo Estratégico*. Coimbra: Almedina.

Robalo, M., ed., 2009. Sarandos as Feridas de Uma Terrível Guerra Civil. Em: *50 Grandes Discursos da História*. Lisboa: Edições Sílabo, pp. 47-49.

Rodrigues, P. C., 2016. Doutrina para um 'destino'. *Visão História: A Formação dos Estados Unidos*, dezembro, pp. 96-97.

Rosenthal, C., 2018. *How the History of Slavery in America Offers an Important Labor Day Lesson*. [Online]

Available at: <http://time.com/5377803/slavery-labor-day/>
[Acedido em 2019 abril 24].

Sandbox Networks, Inc., s.d. *Cabinet Members Under Lincoln*. [Online]

Available at: <https://www.infoplease.com/history-and-government/government-officials/cabinet-members-under-lincoln>
[Acedido em 29 abril 2019].

Sauers, R., 2013. *Civil War Battlegrounds: The Illustrated History of The War's Pivotal Battles and Campaigns*. Minneapolis: Zenith Press.

Shearer, B. F., 2004. E Pluribus Unum. Em: B. F. Shearer, ed. *The Uniting States*. Westport, CT: Greenwood Press, pp. 1-23.

Silverman, D., 2005. *Doing Qualitative Research*. Londres: SAGE Publications.

Sloan, G. & Gray, C. S., 2013. Why Geopolitics?. Em: C. S. Grey & G. Sloan, edits. *Geopolitics, Geography and Strategy*. New York: Routledge, pp. 1-11.

Soodalter, R., 2015. Arming The Revolution: Where did the Continental Army get its cannons?. *Military History Quarterly*, janeiro.

Spence, L., 2017. *A Brief Guide to: Native American Myths and Legends*. London: Robinson.

Spykman, N. J., 1942. *America's Strategy in World Politics: The United States and the Balance of Power*. New York: Harcourt.

Sutherland, D. E., 2009. *A Savage Conflict: The Decisive Role of Guerrillas in The American Civil War*. North Carolina: University Of North Carolina Press.

The Editors of Encyclopaedia Britannica, 2017. *The United States Army*. [Online]
Available at: <https://www.britannica.com/topic/The-United-States-Army>
[Acedido em 3 janeiro 2019].

Turner, F. J., 2018. *O significado da fronteira na história americana (1893)*. Porto: Book Cover Editora.

Tzu, S., 2009. *The Art of War*. s.l.:Pax Librorum Publishing House.